



2, 3 e 4 de março
de 2018
Brasília – DF

BSB PLANO
DAS ARTES

BS B

PLA NO

DAS

AR TES





Brasília/DF
Março/2018

BSB PLANO DAS ARTES

Ficha Catalográfica

B238c Barbosa, Cinara.
Catálogo BSB plano das artes / Cinara Barbosa.--Brasília, DF :
Athalaia, 2018.
96 p: il. ; color.

Essa publicação foi realizada com recursos do Fundo de
Apoio à Cultura do DF (FAC)
ISBN: 978-85-62539-57-2

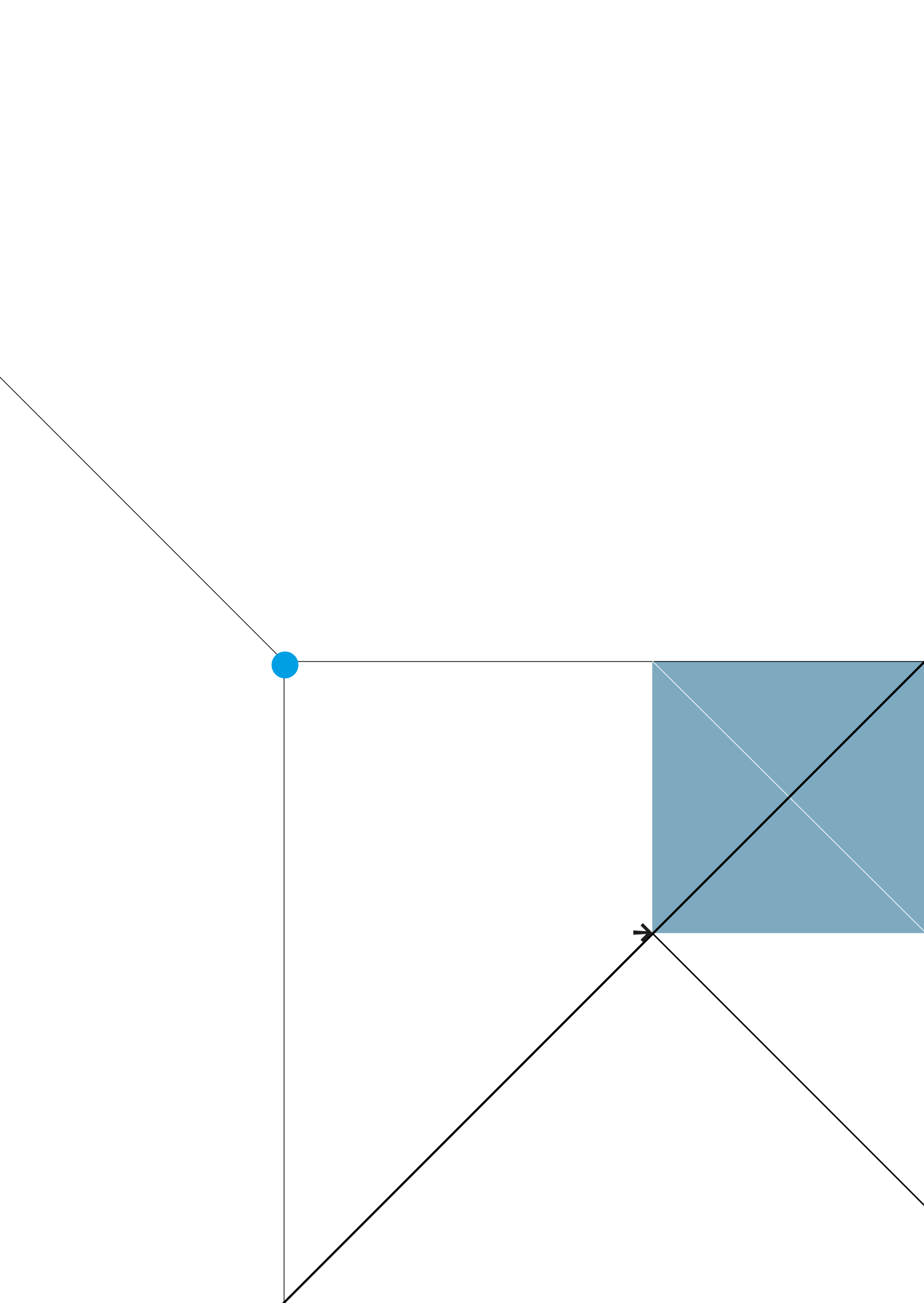
1. Artes. 2. Brasília, DF - Catálogo de artes. 3. Brasília, DF,
espaços de artes.
I. Título.

CDU 7(817.4)(058)



SUMÁRIO

	5
Apresentação	5
Entrevista	13
Espaços culturais	23
Uma cidade cheia de vocações	69
Espaço em obras	73
Projeto em movimento	75
Visitando a arte no DF	81
Seminário de Avaliação	89

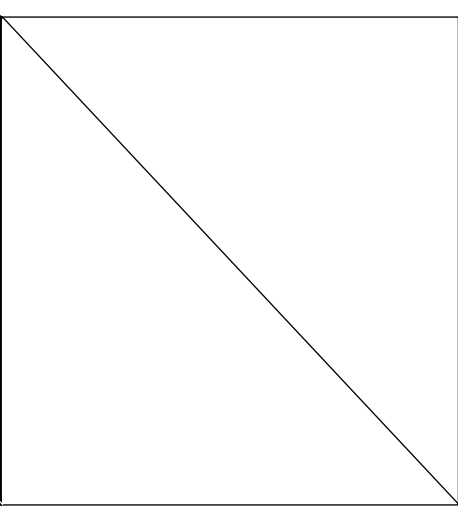




SQN →

BSB PLANO DAS ARTES “VIVER (DE) ARTE”

O projeto BSB Plano das Artes se inicia a partir de uma questão: a arte manifesta no Distrito Federal. A segunda década do século XXI já pode ser considerada como aquela que inaugura uma outra configuração dos aparelhos artísticos. Além dos formatos tradicionalmente reconhecidos por seus modelos de produção e de comercialização, como ateliês e galerias, desenvolveram-se espaços coletivos e centros culturais autônomos voltados à formação e à experimentação e eles passaram a configurar um contexto dinâmico e múltiplo, a ponto de estimular a reflexão sobre o caráter independente da arte e de seus sistemas.



Se formos em busca da história de como chegamos até aqui, ou seja, com um expressivo quantitativo e qualitativo da multiplicidade dos modelos do sistema de arte local, uma primeira hipótese repercute em volta de uma situação de enfraquecimento dos espaços de arte governamentais. As políticas de cultura para o fomento das artes visuais passam, inevitavelmente, pela necessidade de um lugar para abrigar encontros, exposições, cursos e palestras, os quais podem ser admitidos por propostas dessas instituições, por propostas de artistas mediante editais ou não e, ainda, por carta-convite. **Com**

alguns espaços em eterna manutenção ou fechados, ao mesmo tempo que a produção artística aumentava, tornou-se plausível o surgimento de linhas de fuga de existência e de resistência.

No entanto, podemos também supor, a partir da nossa realidade local, uma hipótese mais geral, mas não menos concreta, a importância que as artes visuais assumem no cenário da região. Uma relevância próxima da ideia de necessidade. O desejo de arte pode ser identificado também pela vontade de produzi-la e de mostrá-la. Mas, além de “querer viver de arte”, produzindo-a, vendendo-a, comentando-a, estudando-a, há também, no público, o desejo de querer conviver com ela. E é essa a realidade

que encontramos em Brasília e em diversas regiões do Distrito Federal. Somos muitos. Somos diversos. Somos vários os que precisam de arte na vida por algum motivo. Assim, “viver (de) arte” extrapola a circunstância daqueles que a exercem – os artistas – e daqueles que se relacionam intelectual ou produtivamente com ela – por exemplo, professores ou montadores de exposição. “Viver (de) arte” pode começar a ser avaliado como uma condição da nossa contemporaneidade.

Nesse sentido, o BSB Plano das Artes é voltado para a apresentação do cenário dos espaços autônomos e independentes do Distrito Federal. O projeto surgiu entre 2013 e 2014, primeiro a partir de uma observação relativamente descompromissada e, em seguida, uma pesquisa mais sistemática estimulou a possibilidade da configuração dessa ação. De imediato, percebeu-se que o que importava era condensar antigas experiências existentes, mas sem deixar de dar atenção à realidade local como potência. Assim, era possível oferecer o que a dinâmica da região precisa e, ao mesmo tempo, testar e implementar novas estruturas.

Por isso, a princípio, o projeto foi idealizado tendo como parâmetro o modelo “ateliê de portas abertas” praticado e conhecido tanto



em outras cidades brasileiras, já aplicado também em Brasília no passado. Para o BSB Plano das Artes, foi decisiva a observação de novas e diversas configurações de circulação da arte. Tornou-se premente colocar em questão, por meio do evento, a visibilidade, a profissionalização e a sustentabilidade dos espaços artísticos. Além disso, foi essencial estimular e reconhecer a importância de agentes da arte e da gestão de serviços a serem oferecidos por ela.

Portanto, foi de extrema importância para as etapas e as ações, relativas ao projeto e à realização do evento, primeiro, a existência do edital do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC) para Áreas Culturais e, posteriormente, a aprovação do projeto em 2016. Também foram significativas experiências e realizações que se desenvolveram em sincronia com a observação dos fenômenos de surgimento de espaços autônomos, como é o caso das exposições *Onde anda a Onda I e II*, realizadas no Museu Nacional da República e organizadas por seu diretor, Wagner Barja.

Na construção deste projeto, o mapeamento e a sistematização de informações foram pontos de partida estratégicos para vislumbrar as necessidades e prever o formato geral que se poderia desenhar.

Nesta primeira edição, foi prevista a apresentação e circulação por 20 espaços de arte, a atuação de 20 arte-educadores, inclusive em Libras, e a oferta de diversos roteiros de visitação com transportes gratuitos – montados de acordo com perfis de público e com a identificação dos espaços ideais de circulação durante os três dias consecutivos do evento. Foram realizadas, ainda, ações por parte da produção envolvendo o comércio local próximo a cada espaço de arte, para estimular futuras parcerias e formas de sustentabilidade desses espaços.

Para a concretização do evento, foi relevante a parceria de todos que participaram, e o alcance do resultado nos encheu de satisfação, pois vimos uma grande quantidade de pessoas do Distrito Federal se deslocando de um lado para outro com o objetivo de conhecer os espaços de arte. A compreensão de que o projeto é nosso porque somos muitos a “viver (de) arte” transformou tudo em um espetáculo conduzido de forma diversa, por um conjunto de pessoas, como representantes dos espaços, arte-educadores, voluntariados da produção, equipes do projeto, motoristas, parceiros comerciais e, também, pelo próprio público.

Este catálogo, então, apresenta parte da memória e do resultado que foi idealizado, pesquisado, organizado e concretizado. Aqui, mostramos os espaços participantes



e suas motivações em promover exposições de artes visuais com foco na arte contemporânea ou em artistas do DF, além da dedicação para formação teórica na condução do conhecimento e na reflexão em arte. À curadoria interessava acentuar o caráter dessa multiplicidade e apresentar galerias, ateliês, novos coletivos, espaços consolidados e em formação, centros culturais e outros formatos que abrigam oficinas e residências artísticas. Diante da observação da conjugação de múltiplas experiências em um mesmo espaço, foi necessário lançar mão de uma outra nomenclatura que abrigasse esses sentidos. O conceito de “espaços híbridos” surge como essa possibilidade de designar algo diverso e é encantador perceber que muitos já o adotam para poder refletir sobre vocação, conceito e atividades de seus espaços de arte.

Na tentativa de inventariar essa memória neste catálogo, temos algumas outras etapas do processo. Com o intuito de pensar sobre as circunstâncias da produção de arte, foram convidados artistas para entrevista exclusiva comentando sobre o transcorrer dessa história e a visão de pertencimento de cada um aos territórios diversos da região e à noção de Brasília como parte de um entendimento subjetivo de espírito coletivo.

Somam-se, ainda, ações da produção, da formação do educativo, das visitas técnicas, assim como as adequações de alguns espaços físicos que receberam diagnóstico relativo à necessidade de estruturação e de montagem para atendimento aos visitantes.

Da mesma maneira, conta-se com os roteiros dos transportes, as iniciativas de acessibilidade e o seminário de avaliação organizado poucos dias após o evento visando demonstrar o levantamento dos resultados de mídia, de alcance de público e de verificação do funcionamento do programa como um todo. Nesta ocasião, foram também apresentadas perspectivas concretas de desenvolvimento de estágio obrigatório universitário nos espaços como parte de sua formação, assim como o tema dos preparativos da organização da 2ª edição do BSB Plano das Artes. **Espero que o conteúdo, as imagens, os relatos e os dados possam fazer reviver essa experiência intensa e, sobretudo, compartilhada. Quem sabe, também, estimular futuras participações para um convívio pleno de arte.**

Cinara Barbosa

Idealizadora e curadora do BSB Plano das Artes









Então, qual seria esse “a mais” que os espaços autônomos de arte produzem, ou seja, qual é, efetivamente, a importância desses espaços na produção artística do DF?



SCLRN →
ENTREVISTA



CINARA BARBOSA ENTREVISTA IRIS HELENA, RALPH GEHRE E ANTONIO OBÁ¹



A partir de sua trajetória como artista e curador, como avalia as transformações nos espaços de arte do DF?

Ralph: A transformação é muito grande para mim. Eu comecei a expor em 1980 e não havia, por exemplo, nem a ideia de um sistema de arte, não havia uma estrutura de produção e sequer o conceito de curadoria. Tínhamos uma crítica de arte em jornais, como o Frederico Moraes, que escrevia no Jornal do Brasil. Em Brasília, os jornais também tinham jornalistas que mantinham coluna de crítica, mas não se falava em curadoria. Então, ainda há muito a ser conquistado, mas já incorporamos uma transformação que deve ser reconhecida, porque é uma conquista profissional. Hoje temos produtores,

profissionais para a montagem e iluminação de exposições, temos pessoas que se especializaram em projetos educativos. Uma jovem artista de 20 anos pode entrar com um projeto no FAC [Fundo de Apoio à Cultura do DF] para editar um catálogo para sua primeira exposição individual. Eu fui ter um primeiro impresso para uma exposição aos 40 anos. Então, existe, sim, uma urgência pelo aprimoramento de um sistema de arte, mas temos que reconhecer que crescemos muito.

Quando me referi na pergunta a uma perspectiva da trajetória individual, pensei no Ralph como essa pessoa muito presente em Brasília e no DF, o [Antonio] Obá nessa ambivalência de Plano Piloto e outras RAs [Regiões Administrativas do DF] e a Iris [Helena] como essa artista que abraça a cidade e passa a ser artista daqui também. Então, como enxergam essas transformações na arte do DF?

Obá: Eu penso a questão do meu percurso partindo de um ponto de vista marginal, um ponto de vista periférico mesmo. Isso, em um dado momento, foi como um incômodo, porque eu já tinha uma produção artística, que é solitária de fato, mas incomodava não saber o que acontecia no circuito de arte de Brasília, quem eram os artistas, onde eram os espaços. Então eu produzia, mas, ao mesmo tempo, o que fazia não tinha visibilidade. Eu estava em Taguatinga, dava aulas e cursava Publicidade.

“Você topa vir?” Pelo menos comigo foi assim, e eu topei, vamos nessa, vamos ver o que vai dar. Esse foi um processo muito rico, pela conversa com as pessoas, pela proposição do que era feito, por exemplo, aqui no Elefante, a questão de articulação de residências, de trazer artistas

de fora, trazer galeristas para conversar com os artistas daqui, para ver o que estavam fazendo.”





Uma coisa muito importante naquele momento foi ter abandonado Publicidade e ter ido para meu primeiro espaço formal de produção, que foi a Faculdade Dulcina, onde cursei Artes Visuais. Lá tive contato com as pessoas, com o pessoal da UnB [Universidade de Brasília], Luisa Gunther, João Angelini, que, à época, fazia mestrado na UnB e dava aula no Dulcina. Esses contatos começaram a provocar uma modificação naquilo que eu estava fazendo. Depois, veio o contato com o embrionário Elefante [Centro Cultural], que ainda não tinha este nome, chamava-se Brasília Contemporânea, iniciativa da Flávia [Gimenes, co-fundadora do Elefante, junto com Matias Mesquita], e vivenciei de “peito aberto” a situação que se percebe nos espaços independentes de arte em Brasília, que é a disposição de mobilizar o cenário artístico, de querer fazer algo, mesmo sem saber se vai dar certo, ou sem saber exatamente como vai ser. “Você topa vir?” Pelo menos comigo foi assim, e eu topei, vamos nessa, vamos ver o que vai dar. Esse foi um processo muito rico, pela conversa com as pessoas, pela proposição do que era feito, por exemplo, aqui no Elefante, a questão de articulação de residências, de trazer artistas de fora, trazer galeristas para conversar com os artistas daqui, para ver o que estavam fazendo.



“Ainda há muito a ser conquistado, mas já incorporamos uma transformação que deve ser reconhecida, porque é uma conquista profissional. Hoje temos produtores, profissionais para a montagem e iluminação de exposições, temos pessoas que se especializaram em projetos educativos. Uma jovem artista de 20 anos pode entrar com um projeto no FAC [Fundo de Apoio à Cultura do DF] para editar um catálogo para sua primeira exposição individual.”

Ralph: Sua fala, Obá, me fez pensar a respeito do que eu disse. Relatei um ponto de vista fechado, meu, de morador do Plano Piloto, e, ao lembrar as circunstâncias de quando eu comecei a trabalhar, não me dei conta de que estava excluindo as outras RAs. Então, hoje, quando a gente pensa em incluir as demais RAs, o que isso significa? Quando questionamos a presença de um corpo pensante e atuante nas RAs do DF, pensamos isso na perspectiva de um acontecimento próprio do lugar ou a geração de um produto para a apresentação no Plano Piloto? A fala do Obá naturalmente levanta essa questão.

Iris: Quando cheguei a Brasília, o Elefante estava começando e a Alfinete também, que são os dois espaços independentes que reverberaram de maneira mais forte. Sempre fui uma pessoa que teve muito vínculo com a universidade, desde quando eu morava em João Pessoa, até aqui, quando me vinculei à UnB. Coincidentemente, na UFPB, tive uma professora que era daqui, a Marta Penner, do grupo de política Entorno. Eu estudava com ela, mas não sabia muito bem a dimensão, eu tinha 20, 21 anos e pensava que se você queria ser artista, tinha que ir para São Paulo. E foi o que eu fiz, fui para São Paulo e entendi que não era bem assim.



“Quando pensamos também que há menos de 10 anos atrás um eixo significativo era o Eixo Rio-São Paulo, e vemos o Centro-Oeste entrando, ou melhor, atravessando esse eixo de alguma forma. E como eu sou nordestina e mulher, e isso tem um determinado peso, e aqui, por exemplo, a gente já tem uma rede de mulheres artistas.”



Então, vim fazer um trabalho em Brasília e conheci a Karina Dias, e pensei em fazer mestrado e vir para Brasília, percebi que tinha um terreno fértil aqui. E, quando cheguei, vi uma efervescência interessante, uma efervescência de guerrilha, grupos se formando, tinha o pessoal do espaço LAJE, grupos de pessoas que faziam quadrinhos, pessoal do *design*, artistas juntos com *designers*, grupos de artistas e espaços independentes. E, na universidade, havia essa atmosfera também.

Quando terminei o mestrado, tive a oportunidade de voltar para João Pessoa, mas eu entendi que devia ficar aqui, me identifiquei com esta cena. Eu vi vários salões acontecerem nesta época, o Salão de Anápolis, o Transborda, o salão de Planaltina Mestre D'Armas, iniciativas que são muito importantes para grupos de artistas movimentarem outras cenas. Para mim, as universidades, tanto a Dulcina, quanto a UnB, são iniciativas muito importantes para os artistas que estão iniciando suas carreiras, que procuram espaços

de tutoria, de troca de experiências. A ideia de pensar juntos, para mim é um ambiente muito fértil, ambiente de criação, de pensamento e de se querer produzir aqui mesmo. Esse foi um diferencial de escolher Brasília como o meu lugar de trabalho.

Ralph: Creio que Iris faz referência objetiva a uma qualidade de produção. Se não houvesse uma qualidade no pensamento, na produção daqui, na cena, não faria sentido a opção de se radicar em Brasília.

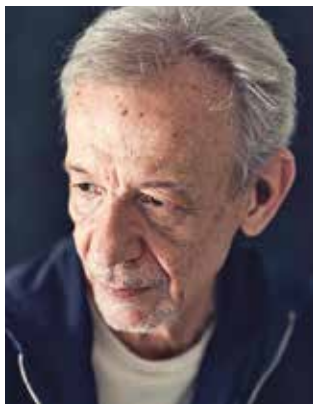
Iris: Quando pensamos também que, menos de 10 anos atrás, um eixo significativo era o Eixo Rio-São Paulo, e vemos o Centro-Oeste entrando, ou melhor, atravessando esse eixo de alguma forma. E, como eu sou nordestina e mulher, isso tem um determinado peso. Aqui, por exemplo, a gente já tem uma rede de mulheres artistas e isso é importantíssimo. Em outros lugares, eu não vi uma cena se formar assim.



Nós temos instituições públicas no DF que são importantes para os artistas mostrarem seus trabalhos, como o Museu da República, CCBB, Centro Cultural da Caixa e Museu dos Correios. Então qual seria este “a mais” que os espaços autônomos de arte produzem, ou seja, qual é, efetivamente, a importância desses espaços na produção artística do DF?

Iris: Eu penso sempre que o “a mais” que esses espaços trazem é dar voz, dar oportunidade. Não somente ceder um espaço, mas também oportunizar os encontros. O que é a artista Iris Helena, somente Iris Helena? Para eu estar falando, houve várias pessoas, ou seja, o que estou falando é o meu discurso, mais o discurso dos professores que tive, mais o discurso dos artistas que eu admiro, mais o discurso de várias pessoas. E essas instituições oportunizam que a gente consiga encontrar essas pessoas, construir nossos discursos, nosso repertório e consigamos mostrar isso de alguma forma.

Obá: Esse circuito, essa interação entre os espaços e as galerias e, obviamente, entre as pessoas, amadureceu muito nos últimos anos, pelo fato de os artistas começarem a se relacionar. Essa mudança faz parte de uma percepção na qual as trocas são muito ricas. Há os cursos da NAVE, que reúnem artistas que falam de sua produção, contaminando e enriquecendo os diálogos uns dos outros. Isso possibilita uma segurança para o artista diante da própria pesquisa, sabendo que o que você está pesquisando é pessoal, é diferente mesmo, mas também pode contribuir com a produção do outro.



Ralph: Se temos hoje uma situação favorável, ela é decorrente de uma disposição para a convivência. O sistema, ele se fortalece na disposição relacional. E muito naturalmente estamos fazendo isso e é maravilhoso. Nós vamos aos eventos e às exposições dos outros, da mesma forma que queremos que os outros venham ver nosso trabalho. Isso se reporta a uma disposição, a dispor-se a seguir pensando, dispor-se a compartilhar o pensamento subjacente a essa produção, analisando-a e criticando-a.

Além dos artistas, há uma disposição dos curadores, dos pesquisadores, há uma vontade de querer ir às exposições, o que cumpre uma questão profissional, de ver o que o artista está apresentando, mas queremos também estar junto do artista naquele momento, a presença é uma forma de apoio. Na condição de coordenadora do projeto BSB Plano das Artes e, aqui, no Elefante, eu sempre comento com o Matias [Mesquita, co-fundador do Elefante] que o Elefante não é mais nosso, ele é algo para a cidade, para o DF e para os artistas.

Ralph: E esse dado relacional não se restringe aos artistas, mas também à conquista de uma estrutura técnica de produção, paralela à realização do evento e que também merece esse acompanhamento. Tenho certeza de que vocês já saíram de casa para prestigiar um amigo ou um profissional atuando em uma exposição e não se tratava do artista.

Iris: E hoje vemos até iniciativas como a da NAVE, que está preparando as pessoas para a realização desses projetos. Que começará a lançar cursos para capacitar quem quer participar de projetos, não somente capacitar os artistas como nos grupos de acompanhamento a que o Obá se referiu, como também capacitar montadores, produtores e várias outras atividades.



Uma das preocupações do projeto BSB Plano das Artes, que é minha preocupação também como pesquisadora na Universidade de Brasília (UnB) e curadora, é refletir sobre os fenômenos do campo da arte. O que são essas transformações, o que são esses movimentos? Que tipo de designações podemos dar a elas? Quais são os gêneros possíveis de instituições autônomas? E aí a pergunta é: o Ralph é uma instituição? Pergunto isso amparada no seu sistema de atuação: você visita jovens artistas, você chama alguns a seu ateliê, compartilha experiências, frequenta os diversos espaços. Que modelo é esse ou que categoria é essa chamada Ralph?

Ralph: Eu sou um artista, não sou uma instituição, mas eu compreendo, faz muito sentido você colocar essa questão. Você sabe por que nós estamos tão felizmente unidos em nosso espaço de trabalho? Porque nós sabemos que estamos cumprindo um papel, fazendo a nossa parte. Eu me sinto responsável, eu tenho a vontade de conversar com você, tenho a vontade de ver o espaço e de ver o jovem artista.



Eu posso me referir a isso tudo, inclusive na vaidade de assumir a porção institucional, porque eu tive um modelo anterior, tive quem fizesse isso por mim. Nós, aqui em Brasília, sempre tivemos uma convivência com nossos professores na UnB, alguns deles bons artistas. Eu tive ainda, depois, uma convivência com o Athos [Bulcão], que cumpria espontaneamente esse papel, de ir aos nossos ateliês para ver nosso trabalho. Ele estava lá, já com 70 anos,

e ainda ia nos visitar, queria nos ver. Essa espécie de carinho eu tive do Athos. O Rubem Valentim me telefonava, ia ver meu trabalho, na maior gentileza. Então, essa espécie de atenção, de interesse que eu tenho hoje, é muito movida pelo reconhecimento de quanto aquilo foi muito importante para mim. Muitos jovens artistas me procuram, e eles olham meu trabalho, e acham legal, se identificam. Então, se o sujeito me procura, eu estou junto.

Iris, sua pesquisa e investigação crítico-artística vem sendo construída por meio da estética e da poética da paisagem urbana, atravessada pelo campo filosófico, a imagem da cidade e as superfícies e os suportes escolhidos para a materializar. Você comenta sobre suportes precários e ordinários que são retirados de seu consumo usual e diário, o que possibilita essa reconfiguração de memória vinculada ao desejo do apagamento. Nesse tempo no DF, há também um aspecto que é a própria Universidade de Brasília e o Instituto de Artes (IdA) como um núcleo formador do artista. Como você percebe sua formação artística via universidade, e os elementos essenciais, mas também os problemáticos nesse amparo teórico, se é que eles existem?



“Então, fui construindo meu próprio repertório, para entender que cidade é esta, porque é uma cidade monumento, porque ela tem vazios, porque tem distâncias. E pensar como trabalhar com esses elementos novos que eu não conseguia enxergar em João Pessoa, São Paulo ou no Rio [de Janeiro], que foram as cidades que eu mais tive contato até conhecer Brasília.”

Iris: Quando cheguei a Brasília, eu já tinha uma produção, já tinha feito algumas exposições, mas posso dizer que eu tinha um embrião de pensamento. E aqui comecei a trabalhar com a imagem da cidade, mas com uma imagem de cidade planejada, monumento e completamente diferente do que eu entendia por cidade, isso já mudou completamente a minha percepção e os desafios que eu tinha. Então, era imprescindível ouvir e conhecer esta cidade pelos olhos das outras pessoas, pela experiência de outras pessoas. Conhecer a cidade pelo que outros artistas estão fazendo, o que outros artistas estão dizendo. Foi fundamental conhecer os professores que são artistas, e os primeiros que conheci foram Karina Dias, Gê Orthof, Chistus [Nóbrega], os primeiros professores com que tive contato na UnB e que abriram portas para

que eu conhecesse a cidade e para que ela se apresentasse para mim.

Então fui construindo meu próprio repertório, para entender que cidade é esta, por que é uma cidade monumento, por que ela tem vazios, por que tem distâncias. E pensar em como trabalhar com esses elementos novos que eu não conseguia enxergar em João Pessoa, em São Paulo ou no Rio [de Janeiro], que foram as cidades com que eu mais tive contato até conhecer Brasília.

Eu só fui conhecer Brasília em 2012, nunca tive interesse de morar aqui, até chegar aqui. Depois que cheguei, o jogo virou.

Para mim, Brasília foi um desafio e gosto de desafios. O principal foi entender que eu poderia trazer para a minha experiência uma história de cidade, principalmente uma cidade tão jovem como Brasília. Sair de um lugar que tem mais de





400 anos de vida, de formação, de história, vir para um lugar e pensar esses 50 e poucos anos, pensar sobre uma cidade tão jovem, isso é um desafio. E é diferente quando você cresce em uma cidade onde as ruas têm nomes, em que a cidade cresceu por vias de uma colonização, tem todo um cenário político envolvido. Aqui em Brasília, eu não cresci no sentido de infância, mas, sim, no sentido de amadurecer, e faz muita diferença um local que é planejado e que também tem entranhas políticas como uma via formadora. Para meu trabalho, pela junção entre imagem fotográfica e materiais, eu comecei a pensá-lo de forma mais tridimensional, a refletir sobre outras formas de fazer, outras formas de pensar o próprio trabalho.

E, em Brasília, um ponto essencial para mim são as trocas, me refiro a “troca” no sentido de frequentar espaços, ver locais, ver as coisas acontecendo. No entanto, sinto que ainda estamos começando, ainda estamos tentando

entender quais diálogos temos que fazer. Os grupos estão se formando de forma mais vigorosa e, por mais que alguns não durem muito tempo, aquele período é importante também, para que a dissolução de um grupo forme outro e outro e, daquele primeiro grupo, se formem três e por aí vai.

Você acha que podemos nos ver como deflagradores de outros métodos, de outros sistemas também?

Iris: Eu acho que, principalmente, a gente tem que entender a nossa realidade. Se aqui há uma segregação entre o Plano Piloto e o entorno, então é importante que a gente entenda qual é essa realidade e é importante termos lugares que propiciem a residência artista, para trazer as pessoas, termos espaços também como o NACO [Núcleo de Arte do Centro-Oeste²], que levam artistas para esses lugares.

Obá, a partir de sua última experiência de residência, de residência internacional no final do ano de 2017, como você entende o comprometimento do artista, tendo em vista que o trabalho artístico se relaciona com o público e com os sentidos? Que questões envolvem o comprometimento, pensando

que há determinações com as quais a arte lida e que passam, em geral, pelo público e pelo campo de certa significação? Obviamente faço alguma referência aos fatos recentes, às tentativas de cooptação política sobre a expressão artística, em nome de uma falsa defesa da moral, ou uma falsa defesa das religiões. Então, com o que você se preocupa?

Obá: É interessante esse posicionamento, como artista, de refletir sua própria postura dentro do trabalho que você já executa e considerando que ele segue para além daquilo que o artista imaginou inicialmente. Penso, a partir da fala do Ralph e da sua pergunta a ele, Cinara, sobre essa pessoa que acaba sendo reconhecida como instituição, e o que isso representa. E a expectativa das pessoas, o que elas esperam de você, como postura, quando passam a te ver como instituição.

O que é muito importante para mim é eu estar dedicado ao meu fazer artístico, sabendo que as pessoas vão se posicionar em relação a meu trabalho. Isso me faz pensar o que seria este engajamento do artista, considerando que a produção dele, de certa maneira, já fala por si. Quando o Ralph coloca a questão da sua preocupação e o acompanhamento dos trabalhos de jovens artistas, eu pensei no papel pedagógico da arte, do fazer do artista. O que vem a ser o engajamento do artista?





Eu vejo pelo caráter pedagógico, que é da minha prática também, eu sou professor de escola pública na periferia do DF. Então, volta a questão da periferia. E, hoje, meus alunos e os pais dos meus alunos sabem quem é Antonio Obá e você se torna uma referência. Então, quando eu reflito sobre o que viria a ser esse posicionamento mais político, eu penso na minha produção artística e nesse papel como professor, que não é uma coisa simples nem tem reflexos imediatos. Minha atuação como professor pode surtir efeito a partir de alguma coisa que falei ou fiz e, eventualmente, só saberei muito tempo depois, quando um aluno, um pai ou uma mãe vierem conversar comigo. Para mim, é importante colocar meus alunos a par da cena artística de Brasília, falar a eles o que está acontecendo na cultura do DF. E isso traz resultados, como agora eu fiquei sabendo que três alunos que eu acompanhei no ano passado vão fazer Artes neste ano. Isso, para mim, é meu papel efetivo, é, de fato, um engajamento, para além do que o meu trabalho já está dizendo. É uma outra forma de atuação que cria o tecido efetivo, em que você não vai colher o resultado de uma maneira rápida, mas que é um lançar de sementes.



Iris: Eu acho que você, Obá, como artista homem e negro, fazendo o trabalho que você faz, eu acho que é uma forma de resistência, é uma figura de resistência.

Ralph: Eu assisto a essas histórias, como tudo o que aconteceu com Obá. Essas são as nossas vidas. A minha geração, em nosso enfrentamento, como estava consolidada à nossa frente uma ditadura, institucionalizada, isso definia com clareza o nosso papel. E minha geração acreditou que as transformações que fazíamos eram tão valiosas e conquistadas a um custo tão alto, que elas nos pareciam ser definitivas. Tanto tempo depois, é difícil perceber que aquilo que alcançamos não era definitivo. Todas as defesas, todas as ocupações de territórios, tudo terá que ser refeito, continuamente.

Iris: No momento que você escolhe ser artista ou quando somos escolhidos, porque, às vezes, é a profissão que nos escolhe, temos que ter muito claro que, a partir daquele momento, você é um ser político. Porque, com o seu trabalho artístico, por mais que não trate diretamente sobre política, você está tomando partido.

“Então, quando eu reflito sobre o que viria a ser esse posicionamento mais político, eu penso na minha produção artística e nesse papel como professor, que não é uma coisa simples nem tem reflexos imediatos. Minha atuação como professor pode surtir efeito a partir de alguma coisa que falei ou fiz e, eventualmente, só saberei muito tempo depois, quando um aluno, um pai ou uma mãe vierem conversar comigo.”





“O artista contemporâneo fala sobre seu tempo, dá suas impressões, fala sobre sua própria geração. E a fala do Obá me deixou emocionada, porque os momentos em que temos oportunidades de falar com estudantes, de dar palestras, são situações que, particularmente, eu gosto de fazer.”



E o artista em si é formador de opinião, seu trabalho expressa opinião. O artista contemporâneo fala sobre seu tempo, dá suas impressões, fala sobre sua própria geração. E a fala do Obá me deixou emocionada, porque os momentos em que temos oportunidades de falar com estudantes, de dar palestras, são situações que, particularmente, eu gosto de fazer. Depois, você fica sabendo que alguém que te escutou uma vez, que teve contato com seu trabalho, está experimentando um material, está desenvolvendo uma pesquisa artística a partir do que você provocou lá atrás. Então, ficar sabendo que alunos do Obá decidiram ser artistas, isso é utópico. Porque escolher ser artista é escolher ser utópico.

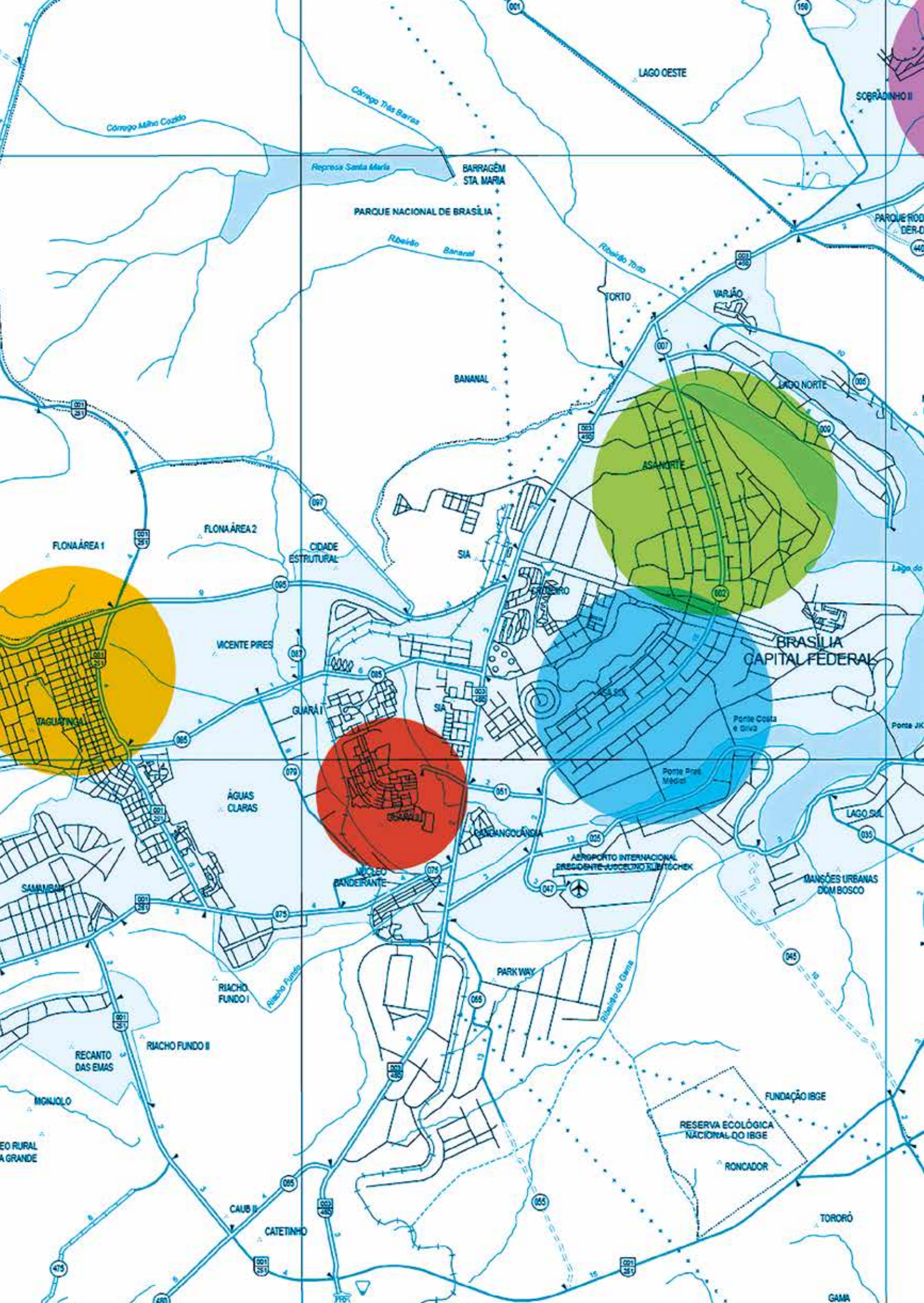
Ralph: Meu sobrinho-neto de 5 anos, o Gael, passou uns dias das férias comigo, compartilhamos o espaço do ateliê, eu pintando e ele no computador. Depois de algum tempo, ele me questionou: “Por que você fica fazendo sempre a mesma coisa?”. Ele foi direto ao ponto, ou seja, à própria questão do trabalho em arte, que é a questão do sujeito político. Porque há somente uma coisa para ser feita. O trabalho é um só e ele se dá por aproximação. Nós buscamos as formas de chegar a ele, porque, na frente desse trabalho, estou eu, como sujeito. São muitas perguntas, mas só há uma coisa a ser feita, e é sempre assim. Todos os dias você, Obá, vai lá, acende uma vela, tira a roupa, rala um objeto, repete o gesto para encontrá-lo. Depois, você volta, acende uma vela ou, de novo, tira a roupa, rala um objeto.³ Eu vou lá e pinto quadradinhos. Depois volto, exausto, e pinto outro quadradinho. É isso mesmo, é assim, e eu creio que nós estamos certos.

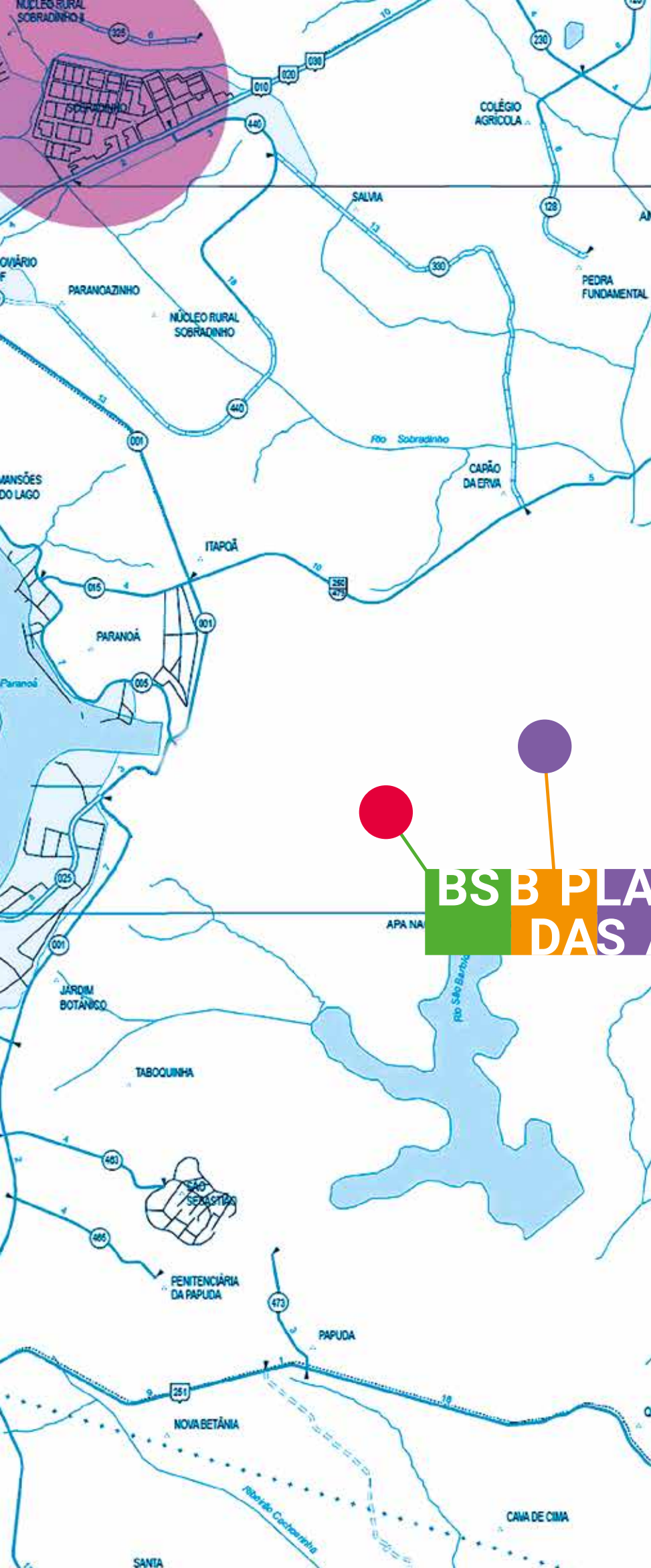


(1) Entrevista realizada no Elefante Centro Cultural, em Brasília, em 3 de fevereiro de 2018.

(2) <https://www.facebook.com/naco.residencias/>

(3) Ralph faz referência à performance de Antonio Obá, Atos da Transfiguração – Desaparição ou Receita para fazer um Santo (<https://www.antoniooba.com/atos-da-transfiguracao/>).





→
PAG.23

SHIGS →
ESPAÇOS CULTURAIS

BSB PLANO
DAS ARTES

Inaugurada em 2009, *A Casa da Luz Vermelha* é a primeira galeria de arte especializada em fotografia *fine art* na capital federal. Idealizada pelo fotógrafo Kazuo Okubo e representada por Rosely Nakagawa, como curadora do acervo permanente, a galeria oferece visitação gratuita para os apreciadores de arte e a possibilidade de compra das obras em exposição e as do acervo permanente.



A Casa da Luz Vermelha

SCES Trecho 02, Conjunto 31, ASBAC, Asa Sul, Brasília, DF
61 3878-9100

<http://acasadaluzvermelha.com.br/>
<https://www.facebook.com/acasadaluzvermelha>





A galeria de fotografia foi criada com a proposta de suplantar uma deficiência de espaços e dar oportunidade aos artistas de expor, valorizar e comercializar seus trabalhos, o que possibilita a formação de público e, conseqüentemente, de mercado voltado para o segmento.



Em seu acervo permanente, A Casa da Luz Vermelha conta com trabalhos de nomes como Anderson Schneider, André Dusek, Beto Barata, Carlos Moreira, Cristiano Mascaro, Débora Amorim, Dorival Moreira, Isabela Lyrio, João Paulo Barbosa, Jorge Diehl, Kazuo Okubo, Marcelo Feijó, Monique Renne, Olivier Boëls, Patrick Grosner, Penna Prearo, Ricardo Labastier, Rinaldo Morelli, Thomaz Farkas, Tiago Santana, Usha Velasco, Walter Firmo, Zuleika de Souza entre outros, em um total de 36 fotógrafos.

Ela também oferece serviços de bureau de impressão *fine art* em papel fotográfico e museológico, além de cursos, palestras e workshops, participação em feiras de arte e produção de exposições. É uma galeria que tem como preocupação divulgar a fotografia como arte e consolidar esse mercado no DF.

Inaugurada em junho de 2013, na SCLN II6, na Asa Norte, a *Alfinete Galeria* é um espaço autônomo de experimentação no campo da arte contemporânea. O foco das atividades é o processo de construção artística e seus desdobramentos.



Alfinete Galeria

SCLN 103, Bloco B, Loja 66, Asa Norte, Brasília, DF

61 99981-2295

www.alfinetegaleria.com.br

www.facebook.com/AlfineteGaleria

www.instagram.com/alfinetegaleria



A programação é aberta e ampla – contempla exposições de arte, encontros com artistas, palestras, cursos, intervenções no espaço público e projetos com artistas de diferentes áreas, como artes visuais, música e teatro.





Em janeiro de 2016, já consolidada como espaço de arte contemporânea em Brasília, a *Alfinete Galeria* se mudou para ocupar duas salas da SCLN 103, também na Asa Norte. O novo espaço foi inaugurado com uma exposição individual de Gê Orthof e uma coletiva com artistas, entre eles Elder Rocha, Bia Leite, Marcelo Gandhi e Camila Soato.



Na configuração atual da *Alfinete Galeria*, que tem uma sala expositiva no térreo e outra no subsolo, a proposta é produzir preferencialmente exposições individuais em cada sala, promovendo, quando possível, o encontro de gerações de artistas.

Segundo Dalton Camargos, fundador da galeria, o objetivo dela é focar não apenas no produto final do (da) artista, mas principalmente no seu processo, no seu percurso e, a partir dessas características, desenvolver um diálogo entre artistas, pesquisadores e público, integrando a cidade nesse ambiente de produção e criação artística.

Cecilia Mori é artista e professora de História da Arte e Poéticas Artísticas do Instituto de Artes (IdA) da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Poéticas Contemporâneas e mestre em Arte Contemporânea, também pela UnB.



Ateliê Cecilia Mori

SCLN 206, Bloco D, Sobreloja 23, Asa Norte, Brasília, DF

61 3034-5694

www.ceciliamori.com



A artista concentra sua pesquisa na tensão entre pares ambivalentes como luz e sombra, forma e não-forma, realidade e ficção, entre outros que estão presentes em sua produção artística. Ao manipular diversos materiais industriais, busca reagrupá-los, com o objetivo de produzir novas formas e novos resultados no espaço.



De uma maneira geral, Cecilia Mori trabalha com suportes, instalações, pinturas, desenhos e vídeos diversos. Seu ateliê funciona como um espaço aberto a inúmeras linguagens, aberto a suportes ou técnicas. Para a produção de suas instalações, sempre pensadas para um espaço expositivo específico, o ambiente funciona como uma sala de testes, um protótipo de como será feita a instalação e o local de armazenamento dos materiais. A rotina do ateliê, portanto, depende do projeto que está sendo desenvolvido no momento.



A artista vem participando de diversas exposições em espaços do país, apresentando obras em diferentes suportes, como instalações e videoarte. Em 2016, sua tese de doutorado *Cabine da Mentira: bobearas em trânsito para a arte contemporânea* recebeu o Prêmio UnB de Teses na área de Artes.



Christus Nóbrega é artista e professor do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). Em seu ateliê, pesquisa e produz primordialmente imagens técnicas que transitam entre imagens computacionais e fotográficas no campo expandido, como foto-objeto, fotoinstalação, entre outros suportes.



Ateliê Christus Nóbrega

SCLN 206, Bloco D, Sobreloja 23, Asa Norte, Brasília, DF

61 3034-5694

www.christusnobrega.com



Sua pesquisa visual passa pelo autorretrato e pela alteridade como método, encontrando nas viagens expedicionárias um instrumento para sua produção poética. Memória individual e coletiva, ficção e narrativas, tradição e contemporaneidade, essas são questões estruturantes de sua obra.



Seu ateliê é um laboratório de experimentações de imagem com parque de impressoras próprias, experimentações computacionais e vetorizadas, nas quais o controle técnico é um elemento-chave de todo o processo de trabalho do artista. No espaço, há parte de seu acervo com obras antigas e recentes, bem como livros e revistas sobre sua produção que podem ser consultados. O ateliê recebe estudantes, pesquisadores e o público em geral.

Christus Nóbrega vem participando regularmente de exposições nacionais e internacionais. Ele tem obras em acervos e coleções privadas e institucionais – a exemplo da Fondation Cartier, em Paris, da Central Academy of Fine Arts, em Pequim/China; no Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro; do Museu Nacional, em Brasília, entre outras. Em 2015, representou o Brasil na China pelo Programa de Residência Artística do Itamaraty, em Pequim, o que resultou na exposição Dragão, Floresta Abundante, de curadoria de Renata Azambuja, apresentada no CCBB (2017/2018). Em 2017, foi indicado ao prêmio PIPA.



Clarice Gonçalves nasceu no Cruzeiro e cresceu em Taguatinga, onde vive e trabalha. Em sua produção artística, gosta do percurso, do desafio do material, da pintura. Ela diz que “se soubesse exatamente como ia ficar no final a pintura, para mim não ia ter a menor graça.”



Ateliê Clarice Gonçalves
QNG 23, casa 17, Taguatinga Norte, DF
www.instagram.com/claricegoncalvesatelier



Aos 16 anos, entrou para o curso de Artes da UnB, época em que começou a pintar autorretratos nos quais se representava mais velha, e o fazia talvez pela busca do respeito que as pessoas têm pelos mais velhos ou por querer mostrar mulheres que não se encaixam nos padrões de beleza ou, ainda, para mostrar a passagem do tempo. Com o feminino sempre presente em suas narrativas, Clarice diz que suas pinturas mostram a forma como ela experiencia a vida, e são, de maneira cada vez mais consciente, uma forma de preencher esta lacuna: a mulher retratada por mulher e a sexualidade feminina mostrada a partir de imagens feitas por uma mulher.

Fundado em 2009, o ateliê da artista é uma pequena comunidade familiar, local de residência e criação, onde se pesquisa, por vezes, simultaneamente, pintura, cerâmica, jardinagem, bonsai, dança e fermentação de frutas e legumes. O espaço conta com um pequeno acervo com suas obras; uma pequena biblioteca com leituras em muitas das áreas de pesquisa; a cozinha, que funciona como laboratório de fermentação e culinária; o jardim e uma ocupação em horta urbana de plantas comestíveis não convencionais, no fundo do ateliê.



O espaço é definido pela artista como um ateliê mutante, dadas as diversas atividades, como aulas de pintura, pesquisa em vitral, cerâmica e reutilização de materiais. Segundo ela, a vocação do espaço é ser um ponto de pesquisa prática em todas as suas áreas de interesse, para que, futuramente, esse conhecimento seja cada vez mais compartilhado e amplificado pela presença de pessoas com domínio em cada área, na forma de oficinas, workshops, mutirões, feitos, aulas. Um local de aprendizagem.



Desde 2004, Clarice Gonçalves expõe com regularidade seus trabalhos, em exposições individuais e coletivas, em cidades como Brasília, São Paulo, Londres e Nova York. Em 2014 realizou a exposição Clarice Gonçalves: Sutilezas e Ilusões, com curadoria de Graça Ramos, uma retrospectiva de sua carreira, no *Elefante Centro Cultural*, em Brasília.

Criado na Inglaterra, como um coletivo de intervenção em museus, acabou se desdobrando em um espaço expositivo em Brasília desde 2014. *deCurators* é uma palavra inventada, com uma grafia e sonoridade que remetem às palavras decoração e curadoria. Em inglês, por conta do prefixo “de”, seria a negação da palavra “curador”.

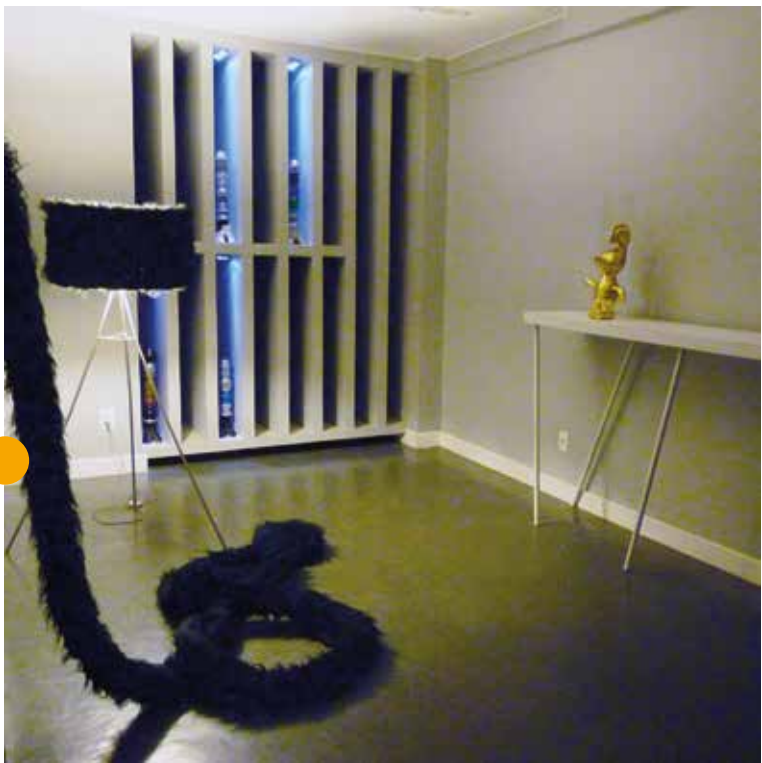


deCurators

SCLN 412, Bloco C, Loja 12, Asa Norte, Brasília, DF

decurators.org

www.facebook.com/decurators



A *deCurators* é um espaço sem agenda fixa, pensado como uma vitrine para exercícios de curadoria, informalmente definida como uma orquestração de/entre objetos, espaço, ideias, imagens, ações e informação.

A *deCurators* é um espaço gerido por artistas visuais, com foco em experimentações no campo da curadoria de arte. Sem fins comerciais, voltado para a formação de público e para a circulação de produção artística e de ideias relacionadas à arte contemporânea. Trabalha com memória, curadoria, pintura, tempo, matéria, cultura, literatura, museologia, Brasília, design, escultura, desenho, vídeo, consumo, espaço, performance, música, decoração, história, cenografia, dança, ópera, arquitetura, cinema, [...] e realiza exposições, mostras de vídeo e cinema, dança contemporânea e performance, eventos de música experimental, oficinas, grupo de estudos e rodas de conversa.





deCurators quer vender ideias e botar o bloco na rua, dentro da Filosofia do "faça você mesmo", o que possibilita a criação de projetos que durem um hora, um dia, uma semana, um mês, um ano, sem as amarras de instituições, patrocínios ou cronogramas.



Não há um cronograma prévio dos projetos que a *deCurators* desenvolve ao longo do ano e o espaço abre somente durante os eventos ligados a cada ciclo curatorial, tudo isso pode ser acompanhado por meio da página no Facebook.

A proposta da *deCurators* é provocar encontros entre artistas, curadores, acadêmicos, pensadores e realizadores que apostam na potência do compartilhamento de conhecimento e talento. As ações do local são permeadas pelo desejo de democratização da arte. A proposta de ser uma vitrine para exercícios de curadoria de arte é simbolizada pela própria estrutura física, que apresenta uma vitrine aberta ao público diariamente, mesmo quando o espaço está fechado.

Motto: *Eficiência, Amor e Selvageria!*

O *Elefante Centro Cultural* é um espaço autônomo que tem como princípio estimular projetos experimentais de artistas e pesquisadores do campo da arte para que reflexões e produção contemporânea estejam sempre em movimento. Fundado em junho de 2013, por Flavia Gimenes e Matias Mesquita, mantém atividades relacionadas a ateliê, residências artísticas, exposições e cursos livres e de pensamento crítico.



Elefante Centro Cultural

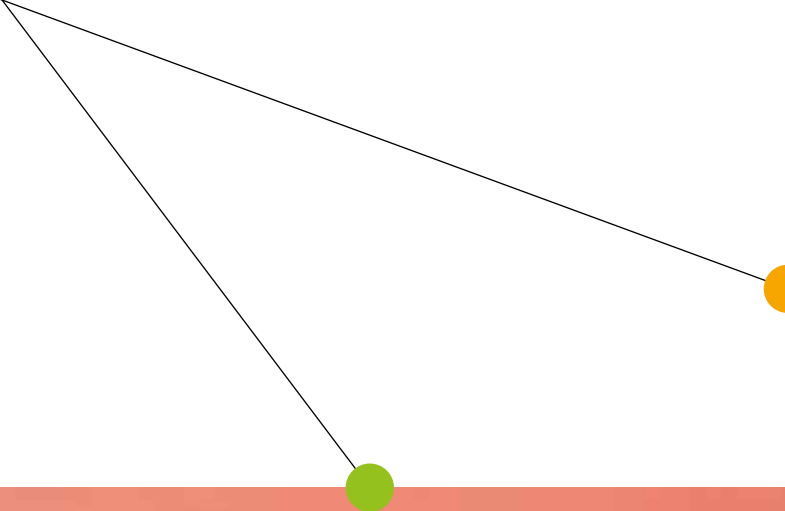
SCLRN 706, Bloco C, Loja 45, Asa Norte, Brasília, DF

61 3541-3146

www.elefantecentrocultural.com

www.facebook.com/elefantecentrocultural





Instalado na W3 Norte, o Elefante é circundado por lojas, oficinas mecânicas e bares. Sua localização – um beco para pedestres na 706 Norte – sugere uma reflexão sobre o uso do espaço urbano em uma cidade planejada e sobre as relações de aproximação entre arte e sociedade e seus locais de pertencimento e idealização. Desde sua fundação, o Elefante propõe múltiplos diálogos entre artistas locais e aqueles provenientes de outras cidades e países. Esses encontros, muitas vezes mediados por curadores, tratam de intercâmbio de práticas artísticas e, sobretudo, de pesquisas teóricas, filosóficas e de história da arte. São conversas abertas que refletem sobre questões relacionadas à subjetividade do fazer artístico que ampliam a capacidade de fruição das obras de arte pelo público em geral.



O Elefante constitui-se por um modelo alternado de gestão. De 2013 a 2015, o espaço foi dirigido por Flavia Gimenes, que implementou as atividades de exposição e de atuação em rede para a realização das residências artísticas. Entre 2015 e 2016, Manuel Neves atuou na direção artística do espaço, realizando curadorias e abrigando projetos expositivos e de residência. Em 2017, a direção foi assumida por Cinara Barbosa, que segue na condução do espaço e conta também com as colaborações de Roberta Pinheiro na assessoria de imprensa, e de Maria Antônia Zanta Nobre na produção cultural. Neste último ano, a manutenção do espaço expositivo foi viabilizada pela realização de uma feira de obras doadas por artistas.

O espaço serve de base de apoio do projeto BSB Plano das Artes. Diante das circunstâncias que envolvem as questões de visibilidade, sustentabilidade e profissionalização colocadas à reflexão pelo projeto, assumimos a perspectiva de remodelação e alternância das atividades à medida que novos desafios surgem. Isso para garantir que o Elefante se mantenha como um espaço independente com caráter de centro cultural da cidade, de fato um bem artístico e cultural que possa seguir adiante considerando a história e vocação já construídas.



Em 2018, o Espaço f/508 de Fotografia completará 13 anos de atividades, nesse tempo se consolidou como um ponto de encontro para fotógrafos e amantes da fotografia, um lugar que vem contribuindo para a formação de uma cultura visual em Brasília. É um espaço de reflexão e da prática fotográfica, onde são realizados cursos, palestras, bate-papos, exposições e eventos voltados ao pensamento da fotografia, das artes visuais e da difusão da produção artística de Brasília.



Espaço F/508 de Fotografia

SCLN 413, Bloco D, Sala 113, Asa Norte, Brasília, DF
61 3347-3985

www.f508.com.br
www.facebook.com/espacof508defotografia
www.instagram.com/espacof508

Localizado na 413 Norte, ao lado do Parque Olhos D'Água, reúne salas de aula, estúdio, galerias, laboratório químico P&B, loja conceitual e um espaço de convivência, o café Quintal f/508.



Os cursos do espaço formam novos alunos a cada ano, alguns dos quais já estão incorporados à cena da fotografia no DF, outros que, mesmo não seguindo carreira profissional, tiveram, por meio da escola, acesso às técnicas e aos conceitos teóricos da fotografia, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista da fotografia contemporânea.



Em 2018, foi lançada uma pós-graduação lato sensu em Fotografia como Suporte para a Imaginação, curso voltado para o estudo da imagem e suas múltiplas possibilidades de criação e suportes, com nomes da fotografia, das artes visuais e do cinema em seu corpo docente, entre eles, Yana Tamayo, Denise Camargo, Cinara Barbosa, Bruna Neiva e Máira Carvalho.



O espaço conta, também, com um estúdio coordenado pela fotógrafa Raquel Pellicano e uma galeria de fotografia que adota padrões e tendências internacionais. Atualmente, é representado um total de 13 artistas de Brasília, do Rio e de São Paulo. Todas as obras – assinadas, numeradas e certificadas – seguem os padrões museológicos de conservação.

O espaço também abriga uma loja conceitual, na qual se encontram livros e revistas especializados em fotografia e arte e, ainda, o Quintal f/508, concebido como um espaço de convivência inspirado no conceito de *Pop Up Store*, com um café inteiramente novo a cada bimestre. O cardápio, em constante transformação, chega a ser completamente reformulado.

Criada em 2002 pelo fotojornalista Ivaldo Cavalcante, a Galeria Olho de Águia foi idealizada para abrigar o acervo do seu fundador. Pouco a pouco, o espaço foi tomando forma e se tornou um local de trocas de ideias e de experiências sobre o mundo da fotografia, configurando-se como um espaço múltiplo onde os cerca de 200 m² dividem-se entre a Galeria Olho de Águia e o Bar Faixa de Gaza.



Galeria Olho de Águia

Ed. Praiamar, Bloco D, Loja 12, Praça da CNF 01, Taguatinga Norte, DF
61 9996-2575 e 61 99200-1859

www.facebook.com/GaleriaOlhodeAgua
www.instagram.com/galeriaolhodeaguaoficial



No local, há revistas Rolling Stone, vinis, livros de fotografia, cartazes de clássicos do cinema e objetos antigos, como uma *jukebox* dos anos 70. O espaço congrega também sinuca, cineclube, sebo de vinil e uma biblioteca especializada em fotografia, a Biblioteca Gervásio Batista, e abriga vários eventos e várias atividades culturais, como exposições, mostras de filmes, feiras fotográficas e *pocket shows*.





Também é palco do projeto Imagem sem Fronteiras, que leva ao público o trabalho de fotógrafos de renome mundial, e acolhe diversas manifestações artísticas, a partir de projetos como o Artista do Bairro, que dá visibilidade aos trabalhos de jovens artistas locais. Nessa perspectiva, a galeria é parceira do projeto Jovem de Expressão, criado em 2007 para valorizar os movimentos culturais da juventude e suas formas de convivências no mundo contemporâneo.



Ivaldo Cavalcante é cearense de Crateús e mora em Taguatinga desde criança. Como fotojornalista, faz parte da história da fotografia do DF, trabalhou em diversos veículos de comunicação, incluindo o Correio Braziliense, de 1991 a 1997. Entre as principais premiações que recebeu, estão o Prêmio Internacional Rei da Espanha (1994), o Concurso Internacional de Fotografia Humanitária Luís Valtuenã (1998 e 1999) e o Concurso Internacional *Photo for Peace – Photo For Tolerance* (2009).

Fundada em 2010, a Galeria Ponto. é um espaço cultural que desenvolve atividades no Distrito Federal, em outros estados e fora do país. A programação é voltada para as áreas de audiovisual e artes plásticas e visuais e, embora seja uma galeria de arte privada, que comercializa obras de arte, mantém permanente programação cultural e artística gratuita. Além de exposições, trabalha como impressão *fine art* de fotografias, realiza eventos, cursos e *workshops*.



Galeria Ponto.

SCRN 710/711, Bloco D, Loja 23, Asa Norte, Brasília, DF
61 3447-4891

www.galeriaponto.com.br

www.facebook.com/ponto.galeria

www.instagram.com/galeriaponto

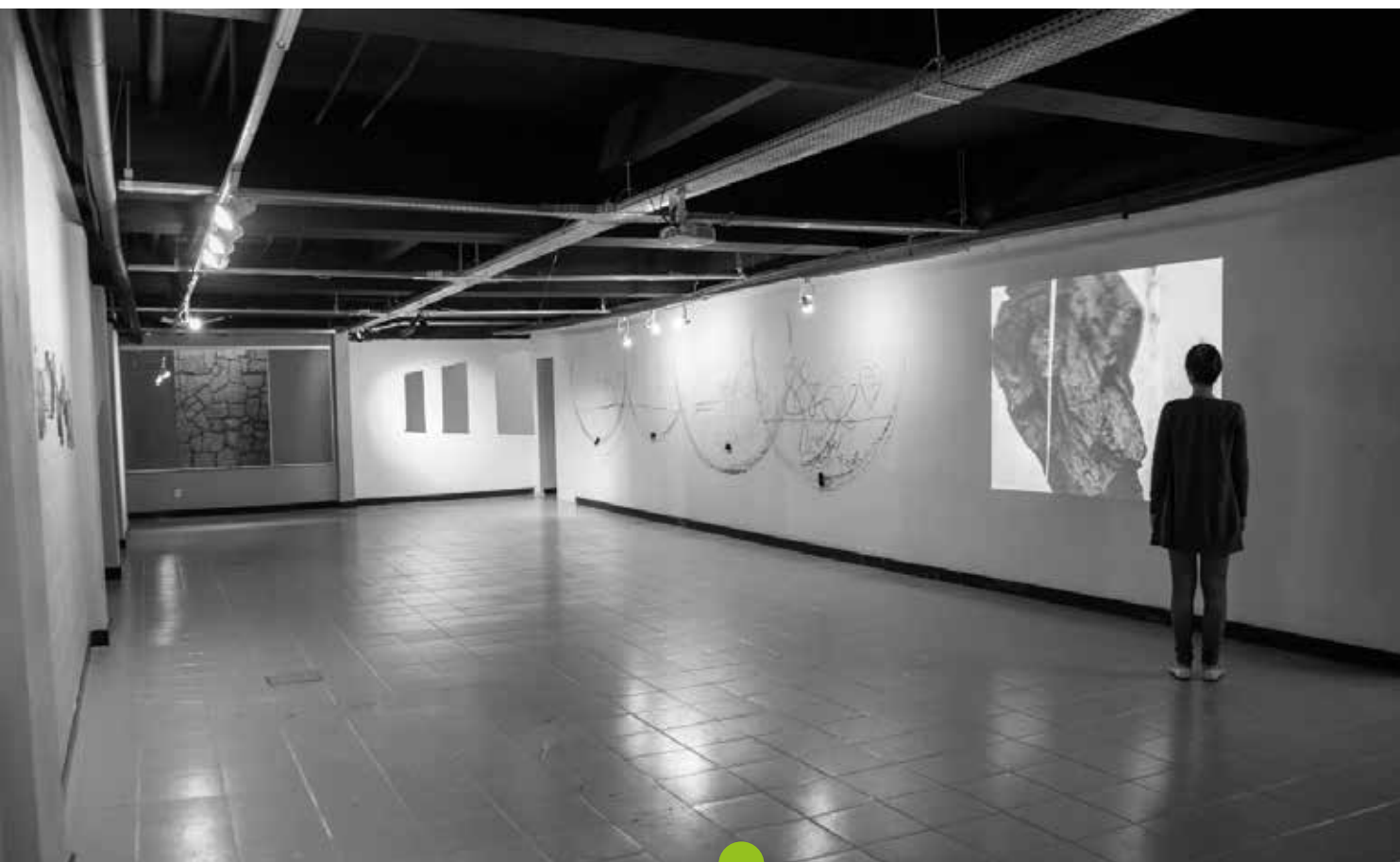




Ela produz edições *fine art* acessíveis ao público, sem prejuízo do rigor curatorial e técnico de produção. Além dessas edições, a galeria procura dar espaço para projetos de artistas independentes e experimentais, com destaque para a produção de artistas do DF.

Dessa forma, o espaço destaca-se em três dimensões de trabalho: impressão *fine art*, incluindo a pesquisa e a implementação de soluções para projetos expositivos; formação de séries e coleções de arte contemporânea; e elaboração e a implementação de programação cultural e educativa que visa proporcionar contexto e ferramentas para dar maior visibilidade à produção artística.

A Galeria Ponto. também desenvolve projetos em parceria com instituições e entidades, como o Museu Nacional da República, a Aliança Francesa, a escola de fotografia Le Fresnoy e a rede social Instagram. A galeria se orgulha de ter levado trabalhos de mais de 30 artistas do DF para serem expostos no MoMA PS1, em Nova Iorque.



Fundada em 2015, a galeria XXX Arte Contemporânea é um espaço destinado à prática da arte contemporânea, a partir de diversos eixos temáticos, com foco mais específico nas relações entre arte e sexualidade, sendo uma das poucas galerias no país voltada ao segmento.



XXX Arte Contemporânea

Rua Sucupira, casa 23, Condomínio Verde, Jardim Botânico, Brasília, DF

61 99230-6980

www.facebook.com/axrxtxe

www.instagram.com/arte_x.x.x



Colecionador de arte há mais de 20 anos, Rogério Carvalho decidiu dedicar-se à montagem da galeria e do escritório de leilões com foco em arte contemporânea. No entanto, sua coleção apresenta também eixos temáticos com abrangência de períodos anteriores, que vão do século XVII ao XX.



A história da galeria se confunde com a trajetória profissional e pessoal de seu fundador, Rogério Carvalho. Arquiteto por formação, por mais de uma década dedicou-se a restaurar e manter a arquitetura moderna de Brasília, como o Palácio da Alvorada e sua capela anexa; o Palácio do Planalto e seu interior; e a Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Ele foi gerente de bens móveis e integrados, em âmbito nacional, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), coordenou os inventários de obras de arte e mobiliário dos Palácios do Itamaraty e Alvorada e foi curador dos Palácios da Alvorada e Palácio do Planalto de 2009 a 2016.

Projetada para ser uma galeria de arte de médio porte e receber residências artísticas, a edificação possui 320 m² de área construída, pé direito de 7 m de altura, em dois pavimentos, além de 700 m² de jardim para instalações e esculturas de grande porte, área livre para instalações e performances. Representa atualmente 18 artistas, acompanha seus processos de trabalho e garante, por meio de exposições e palestras, o diálogo entre artistas, pesquisadores e o público em geral.



A Gruta é um espaço de ateliês, de produção independente que reúne mulheres artistas. Criado em maio de 2017, tem como proposta ser um espaço que possibilita a profissionalização de mulheres artistas.



Gruta
SHGN 715, Bloco N, Casa 38, Asa Norte, Brasília, DF
www.facebook.com/grutaatelie

O foco principal do espaço é desenvolver pesquisas em artes visuais, narrativas gráficas e *design*, valorizando a produção autoral de mulheres brasileiras, proporcionando visibilidade aos projetos autorais desenvolvidos no espaço e, também, àqueles em que acreditam. Promovem ações em conjunto com a comunidade, como feiras, atividades, conversas, mostra de cinema, grupos de estudo e exposições.





Do microcosmos da Gruta, fazem parte produção de *zines*, *printshop* de risografia, produção editorial, ilustração, joalheria artesanal, feira de publicações independentes e produtores locais, performance, costura, tatuagem e projetos audiovisuais.



O espaço abriga as marcas Brilha Acessórios, com pochetes metalizadas, e a Cajuí, com roupas agênero para crianças, ambas de Nahira Salgado; o ateliê da quadrinista e ilustradora LoveLove6, autora da Garota Siririca e outras *zines*; o ateliê de Camila Ligabue, que produz joias artesanais em prata e outros materiais; o estúdio de Taís Koshino e Livia Viganó, criadoras da editora independente Piqui, e da Fuio Printshop, de impressões em risografia; o Crocodilas Tatu, estúdio de tatuagens autorais de Taís Koshino e Xyka Lyka; a Pântano de Manga, marca brasileira de *design* e moda que desenvolve produtos e estampas autorais feitas à mão, formada atualmente por Luisa Vieira, Marina Fontes e Nadine Diel; e a Fábula, de Marina Fontes e Nadine Diel, que desenvolve trabalhos de direção de arte, cenografia e figurino para cinema, teatro e televisão, além de projetos criativos de decoração.

Fundada em 2017, a Galeria IBOC – Brasília é um novo espaço de arte na capital que abre para dar continuidade aos trabalhos realizados pela companhia internacional de ópera brasileira, iniciados em Nova Iorque, com intuito de promover intercâmbio internacional entre artistas de música e imagem.



Galeria IBOC - Brasília

SHIGS 708, Bloco M, Casa 21, Asa Sul, Brasília, DF

61 3244-6160

www.facebook.com/companiainternacionaldeoperabrasileira

www.operabrasileira.com/iboc-brasilia



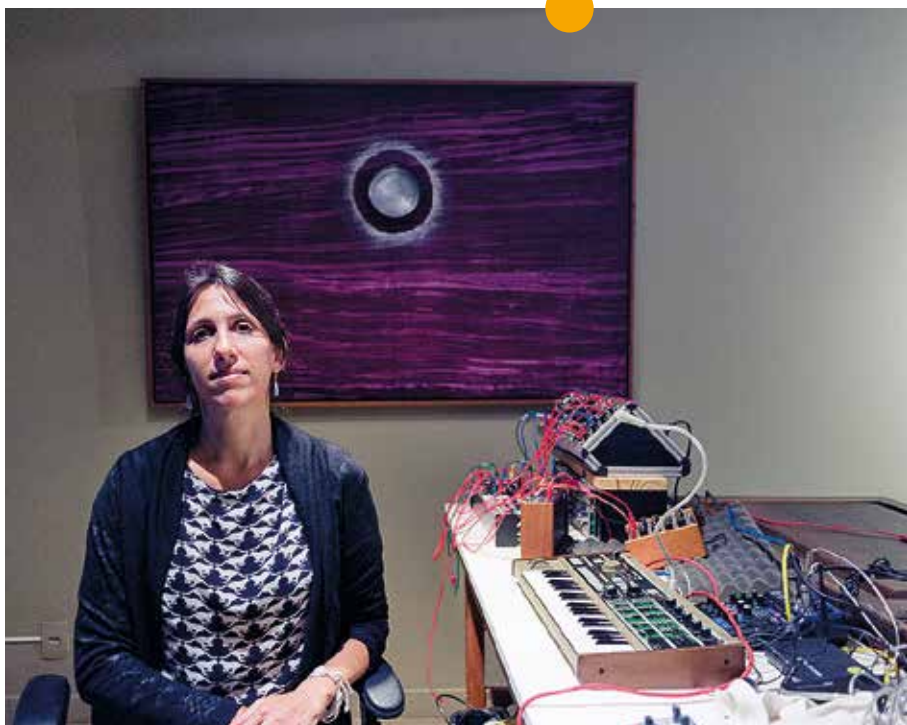
A galeria está desenvolvendo um plano de residência com o objetivo de facilitar a produção criativa que possa se beneficiar de uma rede de colaboradores, além de estar aberta a propostas de ocupação do espaço. A vocação da galeria é promover artistas da música e da imagem.

O local traz a marca de Myrtes MacDowell, personagem marcante no processo da Arte Educação do DF. Em 1983, em um momento em que havia poucas perspectivas para o setor, seus trabalhos com crianças de comunidades carentes na periferia do DF ganhou o Prêmio de Educação do Distrito Federal, quando a premiação era, tradicionalmente, concedida a projetos da área de ciências exatas.



O trabalho de MacDowell contribuiu para a criação da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e do Departamento de Artes da UnB. Ela participou da formação de uma geração de artistas brasileiros. A casa onde hoje funciona a Galeria IBOC – Brasília foi seu ateliê de criação durante muitos anos e também a sede da Associação de Amigos do Espaço Cultural da 708 Sul, hoje Espaço Cultural Renato Russo.

A partir da vocação da casa como espaço de abrigo da arte e dos artistas, a Galeria IBOC – Brasília pretende criar oportunidades de colaboração, de formação, residências artísticas e acesso ao mercado internacional para artistas, especialmente novos talentos.



A ManOObra Galeria foi criada pelo artista Ivacy de Souza numa área anexa à sua casa, na região de Contagem, em Sobradinho. Embora a construção seja de 1999, a galeria foi aberta em 2017, a partir da união de um grupo de amigos do artista. A proposta foi transformar o lugar em um espaço que reunisse mostras de arte contemporânea e atividades de convivência artística voltadas à produção das artes visuais do Centro-Oeste.



ManOObra

DF 150, Km 5, Chácara Vila Rosada, Conj D, Casa 6, Contagem, Sobradinho, DF
61 98168-9323 e 61 98648-0087

www.facebook.com/navearteprojetopesquisa





O nome, ManOObra, criado pela artista Suyan de Matos, tem várias leituras conceituais, sugerindo: *mano*, de manual, artesanato, o fazer; *mano*, de irmão, companheiro, parceiro; e as duas palavras *Mano Obra* criam uma terceira palavra, *manobra* que, em um sentido positivo e lúdico, pode ser traduzido como a construção de ideias e iniciativas no campo da produção artística.

A galeria possui uma localização estratégica no circuito de espaços de arte do Distrito Federal, por estar situada na área norte, em Sobradinho, região com poucos equipamentos de arte e cultura. Conta com um sítio amplo, que abriga ateliê, galeria, área de lazer e área verde na qual há cultivo de Pau-Brasil e outras espécies. A proposta da galeria é se consolidar como um espaço em um ponto estratégico do DF, com o propósito de agregar artistas do Centro-Oeste, divulgando seus trabalhos e desenvolvendo ações educativas, contando com galeria de arte contemporânea, ateliê e ampla área verde. A galeria conta com o apoio da *Galeria Matutina Onze*, de Pirenópolis, na realização de projetos curatoriais em conjunto.

A Nave é um espaço voltado para formação, pesquisa, vivências, elaboração e execução de projetos artísticos e educativos. Fundada em 2015, por Cecília Bona, Yana Tamayo e Dani Estrella, atualmente é gerida por essas duas últimas.



NAVE

SGAS 904, Conjunto A, Bloco H, Sala 201, Asa Sul, Brasília, DF

www.facebook.com/navearteprojetopesquisa



O trabalho da Nave visa proporcionar a continuidade na formação e no acompanhamento de artistas, na formação de públicos para as artes, no fortalecimento das redes e dos circuitos independentes de artes visuais locais e na formação de educadores e cursos voltados à iniciação da educação para as linguagens artísticas.





Em 2015, a Nave abriu suas portas com o curso Laboratório de Processo Criativo, um grupo de estudos dirigidos de orientação para artistas que culmina com uma exposição coletiva. Em sua primeira edição, foi coordenado e idealizado por Cecília Bona e Yana Tamayo, com produção de Dani Estrella na exposição final, realizada na *deCurators*.

A parceria com outros espaços independentes do DF é essencial para as ações da Nave. Em 2016, na segunda edição do Laboratório de Processo Criativo, já sob coordenação de Yana Tamayo, foi feita nova parceria com a *deCurators* e, na última edição, um pouco mais extensa que as anteriores, a Nave contou com a *deCurators* e o Elefante Centro Cultural no processo formativo, além da utilização deste último espaço para a realização da exposição final.



Além do Laboratório de Processo Criativo, que, em 2018, vai para sua 4ª edição, a Nave sedia cursos livres de arte de outros profissionais e professores, com atividades práticas ou teóricas. Já foram realizados cursos de desenho, com Virgílio Neto e João Teófilo, leitura coletiva de portfólios e curso teórico sobre arte e colonialidade com Cristiana Tejo e cursos de encadernação artesanal com Lucas Dupin.

A Nave também propõe projetos em editais públicos, a fim de subsidiar ações artísticas e educativas, como exposições, residências e cursos gratuitos.

Ateliê coletivo voltado para as artes visuais e *design* gráfico que abriga a produção individual e coletiva dos artistas que o compõem. A vocação do espaço é proporcionar um ambiente de colaboração a partir da ideia de que quem trabalha com criação pode ser constantemente alimentado por inspirações de outros campos de trabalho, contagiando e sendo contagiado por diversas áreas de produção, como desenho, quadrinhos, cinema, música, pintura, colagem e serigrafia. O coletivo também promove oficinas e eventos de lançamento para seus trabalhos e suas publicações.



Ateliê NOVA

SHIGS 709, Bloco N, casa 55, Asa Sul, Brasília, DF

61 3256-4000

www.instagram.com/atelie.nova



PAG.54





Participam do ateliê NOVA: Eudaldo “Neno” Sobrinho, formado em Desenho Industrial pela UnB, um dos fundadores do coletivo Pântano de Manga, designer gráfico e diretor de arte em diversos projetos, além de ex-sócio e diretor de criação do estúdio de *design* e ilustração Mopa; João Teófilo, formado em Arquitetura e Artes Visuais pela UnB, ilustrador e artista plástico com pesquisa sobre a fragmentação do sujeito contemporâneo expressa em trabalhos de pintura, gravura, aquarela e desenho; Gabriel Menezes, *designer* e pesquisador e mestre em Artes Visuais, com graduação em Desenho Industrial, ambos pela UnB; Felipe Cavalcante, *designer*, ilustrador e artista plástico, faz parte do projeto coletivo Irmãos Colagem, é criador da revista Sem/Registro, e um dos fundadores do estúdio Mopa; e Lucas Gehre, um dos editores da SAMBA, antologia de quadrinhos independente, lançou Amarelo, laranja e vermelho, uma compilação de seus desenhos, tiras e histórias – participa dos principais eventos de quadrinhos e zines desde 2009 e, em 2015, fez parte da organização da primeira DENTE, feira de publicação independente realizada em Brasília, realizou, ainda, em 2014, a sua primeira exposição individual, Lugares Proibidos, na Alfinete Galeria.



O ateliê NOVA tem como experiência precedente o espaço LAJE, que, entre 2011 e 2015, reuniu os artistas Felipe Cavalcante, Gabriel Mesquita, Lucas Gehre, Pedro Ivo Verçosa, Rafael Lobo, Ricardo Ponte, Virgílio Neto e Julio Lapagesse. A proposta também era reunir em um espaço artistas de diversas áreas de produção – desenho, quadrinhos, cinema, música, pintura, colagem e serigrafia.

Oto Reifschneider Galeria e Escritório de Arte trabalha com pesquisa e projetos culturais, assessoria e desenvolvimento de coleções, além de manter uma galeria especializada em gravura, contando, também, com pinturas, desenhos e esculturas. Representa artistas nacionais e internacionais, consagrados e novos talentos.



Oto Reifschneider Galeria de Arte

SCLN 302, Bloco E, Loja 41, Asa Norte, Brasília, DF

61 98168-4293

www.escriptorioarte.com

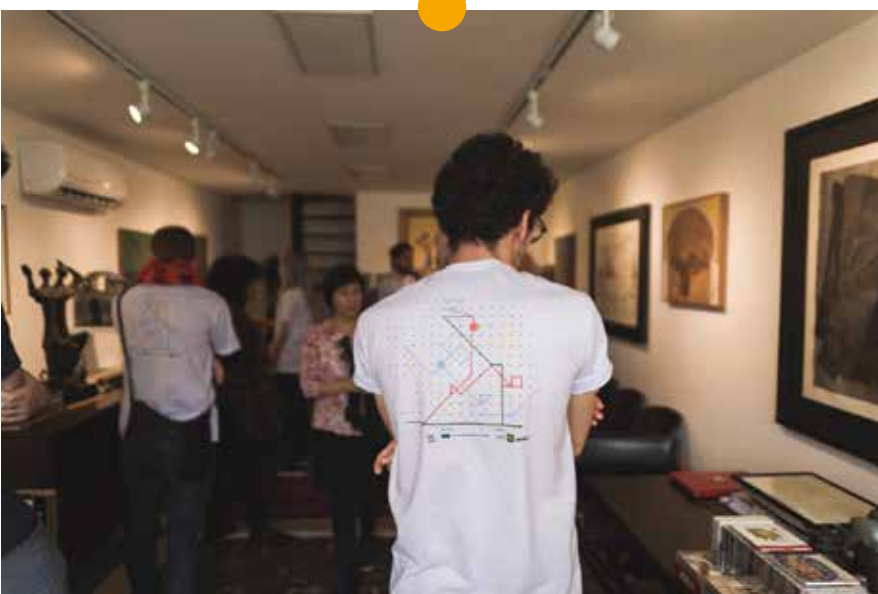
fb.me/escriptorioarte

instagram.com/otogaleria



O Escritório de Arte, aberto em 2006, surgiu como desdobramento do próprio ato de colecionar. O espaço da galeria foi inaugurado em 2015, para abrir ao público o acervo e fazer parte da vida cultural da cidade de forma mais ativa, com a promoção de artistas e exposições. Presta serviços de perícia e avaliação de obras de arte, antiguidades e obras raras, assessoria para desenvolvimento de coleções, avaliação de acervos e espólios e consultoria sobre esse mercado.





Colecionador, pesquisador e galerista, Oto Reifschneider é bacharel em História, mestre em Sociologia e doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Atua há 12 anos na formação de coleções de arte, mantendo um escritório não apenas para a comercialização de obras, mas também para pesquisa e projetos culturais. Especialista em obras raras e colecionismo – tema de sua tese de doutorado – pesquisa as técnicas e história da gravura no Brasil há dez anos. Foi curador de exposições em Brasília e em Doha/Qatar, teve como temática a gravura brasileira. Dedicou-se, nos últimos anos, também à cerâmica.

No intuito de promover a arte da capital, com ênfase em desenho e gravura, a galeria representa artistas como Sergio Rizo, Fernando Lopes e Ricardo Martins. De acordo com levantamento da obra gravada de Milan Dusek, a galeria incentiva artistas que estão agora saindo da esfera local, como Antonio Obá, Eduardo Belga e Josafá Neves, ao colocar suas obras em exposições, tanto no próprio espaço, quanto em espaços externos, como museus. No Clube de Colecionadores, projeto de incentivo ao colecionismo que está em sua terceira edição, a galeria apresenta artistas que merecem ser redescobertos e aqueles ainda em amadurecimento. Atualmente, a galeria conta com mais de 80 artistas em acervo.

Fundado em outubro de 2017, a Pilastra é um apartamento no Polo de Moda do Guará, cercado de oficinas mecânicas, transformado em espaço voltado para as artes, com atividades de exposições, *shows*, produção audiovisual, produção cultural, *workshops* e rodas de conversa com a comunidade.



Pilastra

QE 40, Conjunto D, Lote 38, Apartamento 101, Guará II
61 98318-1879 e 61 99199-6188

www.facebook.com/apilastra



Coordenado por Mateus Lucena e Iana Chadwick, é equipado com estúdio de fotografia e audiovisual, galeria de arte, espaço de *coworking* para a criação artística e ateliês abertos ao público.



A proposta do espaço é promover e valorizar a presença da arte fora do Plano Piloto, abrir as portas para novas possibilidades, para ser ocupado por artistas ou qualquer pessoa que deseje criar, além de oferecer ao público local acesso à cultura e a bens culturais.



A Pilastra apresentará uma nova exposição a cada dois meses, escolhida por meio de edital aberto ao público, no qual qualquer pessoa que tiver uma proposta curatorial poderá participar. “Em que parte cabe a Arte?”, pergunta o pessoal da Pilastra. Talvez a resposta mais clara seja a dada pelo próprio projeto: em qualquer lugar onde haja oportunidade de criação artística e acesso à Cultura. A vocação da Pilastra parece ser um espaço de colaboração para agregar pessoas, tendo como mote a democratização da produção artística e do acesso à Arte.

Aberto em 2010, Raquel Nava já compartilhou seu ateliê com artistas como João Angelini, Adriana Vignoli e Gê Orthof. Desde 2015, passou a dividir o espaço de trabalho com Cecilia Bona.



Ateliê Raquel Nava

SCLN 205, Bloco D, Loja 11, Asa Norte, Brasília, DF

www.raquelnava.net



Raquel Nava investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica em relação aos desejos e hábitos culturais, usando taxidermia e restos biológicos de animais justapostos a materiais industrializados em instalações, objetos e fotografias. A variação cromática com a qual trabalha nos objetos e nas fotografias se aproxima da paleta utilizada na sua produção de pintura. Ali, várias camadas de tinta escorrem e secam com uma inclinação gradual que a artista provoca na tela até atingir a posição vertical, deixando rastros do tempo e da força gravitacional. A diversidade de sua produção está nos experimentos com técnicas e materiais, nos quais de maneira recorrente há referência a órgãos ou organismos.





A artista é formada em Artes Visuais e mestre em Poéticas Contemporâneas pela UnB, também estudou na Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires (UBA). Participou de residências artísticas e coletivos de arte como AFFECT, A-G-O-R-A, Berlim; Villa Empain – Boghossian Fondation, Bruxelas; e La Ira de Dios, Buenos Aires. No deserto de Nazca, no Peru, apropriou-se de um elemento da natureza, um corante advindo da cochonilha, que serviu de base de pesquisa e elemento de algumas de suas obras.



Possui obras no acervo do Museu Nacional da República, em Brasília, no Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás (UFG) e na Fundação Boghossian, em Bruxelas. Entre as exposições individuais mais recentes, destacam-se: SUTURAS, com curadoria Raphael Fonseca, na galeria Portas Vilaseca, no Rio de Janeiro (2017); Besta Fera Pop Fauna, na Alfinete Galeria, em Brasília (2017); e Passeio Selvagem, com curadoria Graça Ramos, na Referência Galeria de Arte, em Brasília (2015). Foi indicada ao Prêmio PIPA 2018.

Cecília Bona é artista visual, *designer* e professora. Bacharel em Desenho Industrial e mestre em Artes Visuais, na linha de Poéticas Contemporâneas, ambas pela UnB, realiza trabalhos livres nessas áreas há cerca de 10 anos. Em seu trabalho, propõe objetos e instalações que promovem a experiência de fenômenos perceptivos e imensuráveis. Sua pesquisa é direcionada pelo interesse na luz, no tempo e no espaço. Explora a materialidade como potencial artístico e trabalha com os mais diversos utensílios, apetrechos e suportes.



Ateliê Cecília Bona

SCLN 205, Bloco D, Loja 11, Asa Norte,,Brasília, DF

www.ceciliabona.com





Cecília expõe regularmente desde 2012. Já participou dos Salões de Anápolis, Blumenau e João Pessoa. Foi contemplada com o prêmio Funarte de Arte Contemporânea de 2013 para a ocupação da Marquise da Funarte, em Brasília. Em 2015, participou da exposição Abre-Alas na galeria Gentil Carioca no Rio de Janeiro e realizou residência artística na *Fljótstunga Farm*, na Islândia. A produção realizada nesta residência resultou na exposição individual Terreno Instável, realizada na Alfinete Galeria, em dezembro de 2015. Em 2016, participou do Transborda Brasília – Prêmio de Arte Contemporânea de Brasília, na Caixa Cultural, em Brasília; expôs no I Salão Mestre D'Armas – Prêmio de Arte Contemporânea de Planaltina – DF; expôs em Santiago no Chile; criou uma instalação permanente para o jardim da Funarte em Brasília, no projeto Cerrado Vivo; e participou da residência artística *Women on Wing – Ayatana Artist Research Program*, no Canadá. Em 2017, participou da exposição coletiva *À vista, paisagem em contorno* – Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, na Galeria Fayga Ostrower, em Brasília. Foi indicada ao Prêmio PIPA 2018.

O ateliê da artista é um espaço de teste e experimentações, em contraponto ao espaço asséptico que é a galeria de arte, onde costuma expor. No ateliê, vão parar materiais peculiares escolhidos e recolhidos pela artista em diversos locais. Habituada com o uso de ferramentaria pesada, Cecília trabalha com lixadeira, serra circular e furadeiras. A partir desse fazer, a artista, que trabalha com diversas linguagens, começa muitos de seus futuros trabalhos, como instalações, objetos, esculturas e vídeos.



A Referência Galeria de Arte, ativa desde 1995, representa artistas nacionais, por meio de exposição de seus trabalhos em feiras, publicação de catálogos e produção de exposições no espaço próprio e em outras instituições.



Referência Galeria de Arte

SCLN 202, Bloco B, Sala 11, Asa Norte, Brasília, DF

61 3963-3501

www.referenciagaleria.com.br

www.facebook.com/referenciagaleria/



Em números, ela representa 41 artistas nacionais; promoveu e participou de mais de 50 exposições; publicou 10 catálogos, alguns dos quais com patrocínio de instituições como Caixa Cultural e Museu dos Correios; participou de 9 feiras de arte no Rio de Janeiro e em São Paulo.



Em mais de 20 anos de atividades, ela já esteve instalada em vários pontos da cidade, como o *shopping* CasaPark e, de outubro de 2014 até 2017, ocupou salas para exposição e acervo na SCLN 205, na Asa Norte. Recentemente, em junho de 2017, a Referência Galeria inaugurou sua nova sede, na SCLN 202, com mostra individual de Christus Nóbrega, Labirinto, com curadoria de Cinara Barbosa, e exposição coletiva com os novos representados: Diego de Santos, Evandro Soares, Henrique Detomi, Patricia Bagniewski, Pedro Gandra e Pitágoras Lopes.



Desde a sua criação, a Referência Galeria de Arte vem trabalhando em duas vertentes: dar oportunidade e visibilidade para os artistas locais, incluindo-os no acervo, organizando exposições coletivas e individuais e fazendo a divulgação dos trabalhos em feiras de arte; e apresentar artistas de outras cidades ao público brasileiro, como forma de enriquecer a produção local, mostrando novas propostas de trabalhos artísticos e promovendo o intercâmbio entre os artistas locais e artistas nacionais.

Também se desenvolvem ações voltadas para a formação de público de arte, por meio da promoção de eventos gratuitos, como encontros de artistas e curadores com o público.

Ateliês são vistos como espaços de imersão solitária, o que costuma inibir as pessoas, desestimulando visitas espontâneas. Aberto há quase 20 anos, o ateliê de Valéria Pena-Costa sempre foi um espaço individual, íntimo, que nunca havia sido compartilhado com outros artistas.



Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto Fuga

SHIS QI 26, Conjunto 5, Casa 1, Lago Sul, Brasília, DF

www.facebook.com/valeria.penacosta



PAG.66





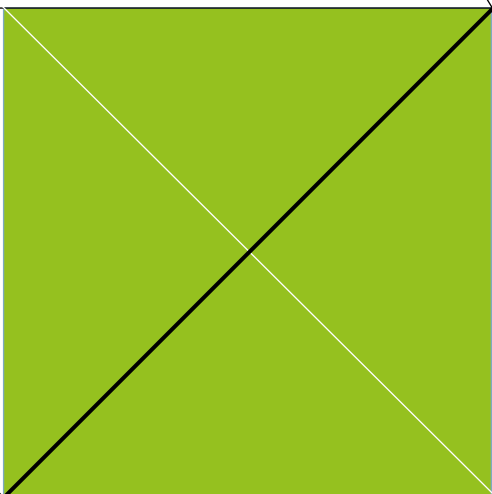
Para a artista, interessam aspectos precários no ateliê, já que sua pesquisa lida com a questão do tempo, de coisas que vão perecendo. Em seu trabalho, a artista fala do tempo, da memória, da expectativa e da possibilidade da ausência. Em seu processo de trabalho, coletou sinais da passagem do tempo, matérias que estavam no chão, restos das paredes deterioradas, insetos mortos. O resultado dessas coletas de material, a artista resolveu transformar em arte. O que no local a artista produz e o que a própria casa a oferece como elementos ao processo de produção artística, é o que a torna oficina e glossário, abrigo e habitante, o ateliê e a própria arte instalada.

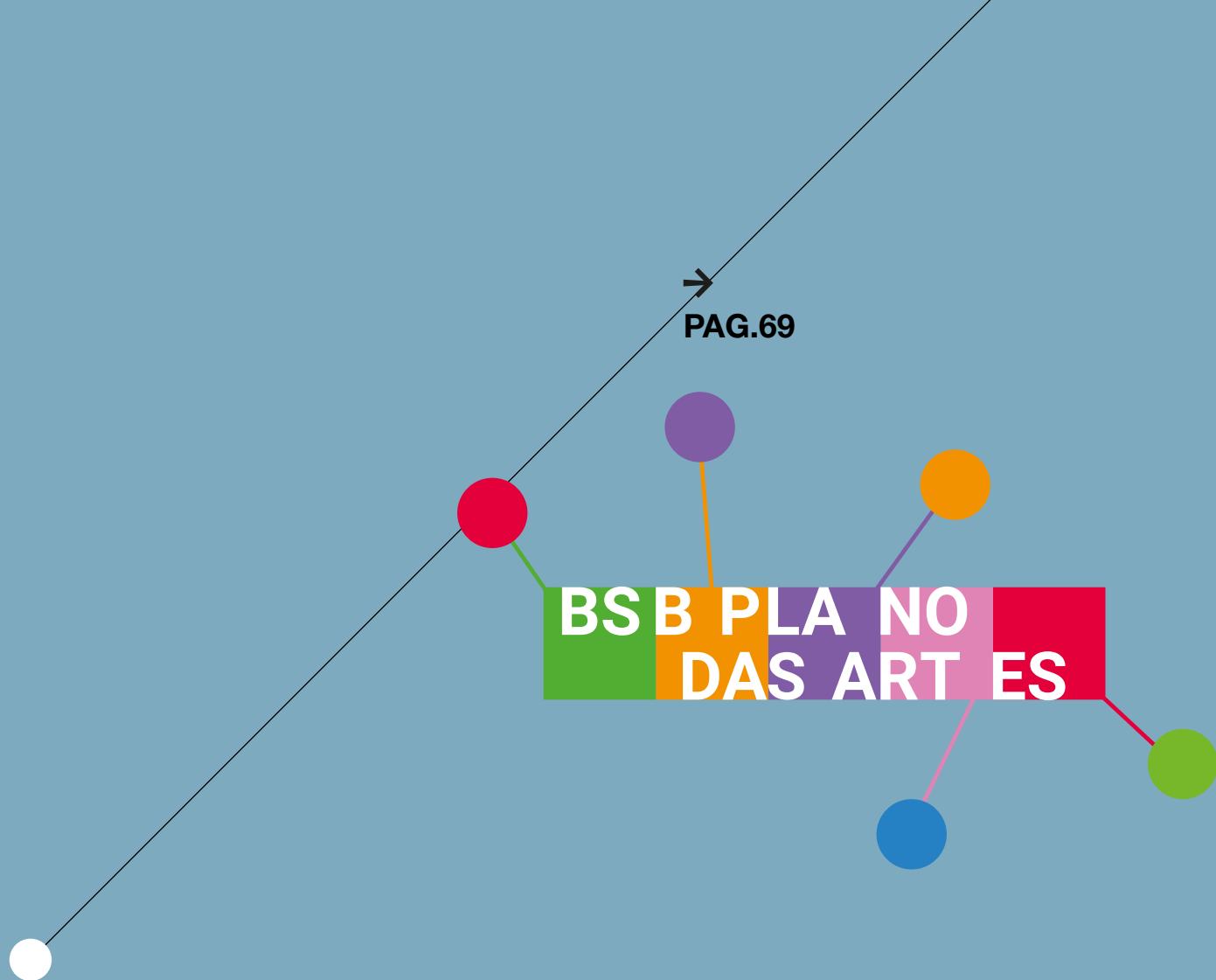


Com a chegada do projeto FUGA, em fevereiro de 2017, o espaço descobriu sua vocação para o coletivo. FUGA é um projeto de ocupação artística organizado por Dalton Camargos e Luciana Paiva, que surge da parceria entre a Alfinete Galeria e o ateliê de Valéria Pena-Costa. Este passou a agregar processos diversos ao seu espaço de produção e tornou-se uma casa-ateliê repleta de camadas e de obras hospedadas, em um movimento de ocupação a partir do qual diversos artistas foram convidados a intervir no espaço-tempo expandido e estendido do projeto.

O projeto FUGA propõe uma ocupação que gira em torno da sedimentação de propostas permeáveis pela ação do tempo, configurando uma nova paisagem a cada visita. Os trabalhos no espaço vão se sobrepondo, à medida que o projeto potencializa que os (as) artistas se relacionem e se apropriem do próprio espaço.

O ateliê transformou-se, também, em espaço expositivo, de experimentos coletivos e de expressões diversas, abrigando exposições de arte, performances, mostras de vídeo, experimentações sonoras, conversas, palestras e propostas de oficinas e cursos.





“Mas um mergulho nas últimas cinco décadas revela que esses espaços, suas idas e vindas, aberturas e fechamentos, de acordo com as crises econômicas e dificuldades de manutenção, multiplicam-se pela cidade há muito tempo. São, portanto, locais de resistência, mantidos graças aos esforços individuais e frequentemente ignorados pelas políticas públicas, quando elas existem.” NAHIMA MACIEL

SGAS →

UMA CIDADE CHEIA DE VOCAÇÕES NAHIMA MACIEL

Brasília tem várias vocações, mas aquela que faz surgir, ao longo de seus 58 anos, um sem número de espaços independentes dedicados às artes plásticas é uma das mais frutíferas. São 20, hoje, os que constam no roteiro oferecido pelo BSB Plano das Artes e eles abrigam o que há de mais contemporâneo e melhor na produção brasileira. Mas um mergulho nas últimas cinco décadas revela que esses espaços, suas idas e vindas, aberturas e fechamentos, de acordo com as crises econômicas e dificuldades de manutenção, multiplicam-se pela cidade há muito tempo. São, portanto, **locais de resistência**, mantidos graças aos esforços individuais e frequentemente ignorados pelas políticas públicas, quando elas existem.

Brasília nasceu da utopia moderna, do desejo de se criar, no coração do país, um centro de pensamento arrojado, que se espalhava por todo tipo de disciplina, da arquitetura que moldou a cidade à engenharia que a possibilitou, da filosofia que alimentou o sonho à poesia que o acompanhou quando saiu do papel. Muita coisa se perdeu pelo caminho, mas **a vontade de**, eventualmente e sempre que possível, se desligar do institucional oficial – que é, também, uma das vocações da cidade – sempre esteve presente.

Como se fosse para mostrar que há vida fora da Administração Pública e sua rotina de gabinetes, os artistas, os curadores e os produtores se agregam no que já ficou conhecido como o circuito de espaços e galerias independentes. Boa parte deles não conta com financiamentos públicos e é mantida graças a uma compreensão de que esse distanciamento pode, apesar das dificuldades, ser um trunfo.



“A melhor delas é a liberdade de experimentação, o descolamento do mercado e do pensamento dominante que pode, eventualmente, nortear uma produção. É dessa distância que surgem surpresas e deslumbramentos, ensaios e possibilidades de errar, que é uma etapa fundamental da descoberta.”

Da independência, nascem muitas coisas boas. A melhor delas é a liberdade de experimentação, o descolamento do mercado e do pensamento dominante que pode, eventualmente, nortear uma produção. É dessa distância que surgem surpresas e deslumbramentos, ensaios e possibilidades de errar, que é uma etapa fundamental da descoberta. Ao longo dos últimos 20 anos, muitas portas se abriram e se fecharam na cidade. Houve períodos em que ficou difícil saber o que os jovens artistas estavam fazendo, embora fosse certo que estivessem produzindo.

“Não se forma público para o que não é mostrado. Os mantenedores do circuito independente são tão cientes disso que, mesmo com verbas e orçamentos enxutos, não se esquivam de programas educativos. Em praticamente todos, há sempre alguém preparado para responder e suscitar perguntas.”

Realizar a cobertura jornalística nesses períodos de portas fechadas em decorrência das dificuldades em manter os espaços autônomos era um trabalho de caça aos ateliês, de fuçar aqui e ali para expor, ao menos nas páginas do jornal, uma produção que existia e tinha excelência.

Os espaços independentes são os que realmente permitem ao público de Brasília acompanhar o que fazem os artistas da cidade. E eles são muitos, tantos que as três ou quatro instituições oficiais, embora tentem, nem sempre conseguem abarcar. Nos últimos 10 anos, muitos espaços mantidos pelo governo fecharam sem perspectiva de reabertura. Foi um desfalque para o circuito da **arte brasiliense** e uma lacuna preenchida por iniciativas autônomas. Ter uma agenda autônoma em relação ao circuito oficial enriquece o cenário e estimula a criatividade, especialmente em época de enfraquecimento das instituições públicas.

E uma produção, para amadurecer, precisa **passar pelas vistas** do público, precisa do diálogo, da tal fruição, palavrinha que hoje carrega charme e mistério. Quem ganha é o artista, mas também o público. E esse é outro assunto.

Não se forma público para o que não é mostrado. Os mantenedores do circuito independente são tão cientes disso que, mesmo com verbas e orçamentos enxutos, não se esquivam de programas educativos. Em praticamente todos, há sempre alguém preparado para responder e suscitar perguntas. Sem contar com modelos como os de residências artísticas, que, em Brasília, são possíveis apenas nesses espaços. A residência aproxima artista e público, desmistifica o

trabalho, faz o espectador compreender que, para toda produção, há um antes, um durante e um depois essenciais. A arte contemporânea pode ser de difícil compreensão para o público leigo e a empatia com o artista, possível apenas quando há contato, pode quebrar barreiras. É, quase, um momento de intimidade entre quem se expressa e quem ouve.

Formação de público é uma questão de sustentabilidade e uma cidade com mais de 3 milhões de habitantes precisa de dezenas de espaços de arte para dar conta de criar uma demanda. Percebendo essa necessidade, os próprios artistas criaram espaços de formação destinados tanto a seus pares quanto ao público não especializado. Cursos, encontros de sensibilização para a arte, aulas práticas e teóricas acessíveis a quem queira dar vazão à curiosidade, sem que, para isso, precise passar por trâmites acadêmicos e restritos, funcionam como uma rede de formação de público espontânea e informal. É o papel educativo desempenhado por alguns dos espaços que participam do BSB Plano das Artes. Para os mantenedores desses espaços, a iniciativa corresponde a tomar as rédeas da situação e fazer no privado o que seria da alçada das políticas públicas.

Nesse cenário, entram ainda os ateliês coletivos, células de criatividade nascidos da dificuldade de bancar espaços individuais. Eles integram o circuito como ferramentas de enriquecimento da produção artística. Ao lado das residências, os ateliês coletivos, ao promoverem o intercâmbio, provocam também uma contaminação que amplia o trabalho do artista. A parceria nem é imprescindível, basta **diálogo criativo**. E a criatividade é, também, uma vocação da cidade.

BSB PLA NO DAS ARTES

2-4 MARÇO 2018

A Casa da Cultura é um espaço dedicado à arte e à cultura, com uma programação diversificada e de qualidade.

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

CARNAROCK

MADE IN BRAZIL
MUSIC MEGASTORE
MARK SHOPPING

2018

ARRIU PRO ROCK
RACI BRABO - JC - LARINI - BELTRACCHI

CINCO DIAS DE ROCK NO CARNAVAL
POIZÉ PUB - 305 NORTE

COM AS BANDAS

8 FEV
21H

ROCK BRASIL
LADO B
ARQUIVO 1

Raul Seixas
BAD BAYRAGO

RAMBODAO
AUTORAL E LITTLE QUIN

9 FEV
20H

LED ZEPPELIN
CELEBRATION

DOORS
BACKSTON

JANIS JOPLIN
VIOLETA BRONZE

Jimi Hendrix
EXPERIENCE IDEAS

ALICE COOPER
KARDEN

10 FEV
19H

MANIA MANIA
MEGERA

LAMB
METABOLIC

SLEPNOT
METAL OF PUPPETS

METALLICA
STONED

PANTERA
KALEAS NAU

NIRVANA
LOOKOUT

11 FEV
19H

SPARKY
CLÁSSICOS

WOLFLAND
CLÁSSICOS

MOTLEY CRUE
MOTLEY CRUE

SKID ROW
DIRTY TALK

DEATH SLAM

12 FEV
19H

MINISTÉRIO
CLÁSSICOS

EXCELSIOR
CLÁSSICOS

BURRHEAD
CLÁSSICOS

DEATH SLAM

PODO TIGUO, K, JAMES, PORÃO, AMERICA BASTOS, JOURNEY TATTOO, BURRHEAD, DEATH SLAM, MERLIN DISCOS

Banco do Brasil apresenta e patrocina

o imortal

baseado no conto de
Jorge Luis Borges

com
pela frás

2 a 25 de março de 2018
quinta a domingo / 20h

direção
irmãos guimarães

centro cultural banco do brasil
galeria 4



BSB PLA NO DAS ARTES

2-4 MARÇO 2018

A Casa da Cultura é um espaço dedicado à arte e à cultura, com uma programação diversificada e de qualidade.

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura

Programa de Arte e Cultura



Conforme previsto no projeto original do BSB Plano das Artes e após avaliação técnica, em alguns espaços foram feitas reformas, reparos, obras de pintura e marcenaria, ajustes de iluminação, execução de serviços e adequações do espaço voltadas à acessibilidade.



PAG.73





QNG →
PROJETO EM MOVIMENTO

BS B PLA NO
DAS ART ES

→
PAG.75



PROJETO EM MOVIMENTO
ROTEIROS BSB PLANO DAS ARTES

02/03/2018 – SEXTA-FEIRA

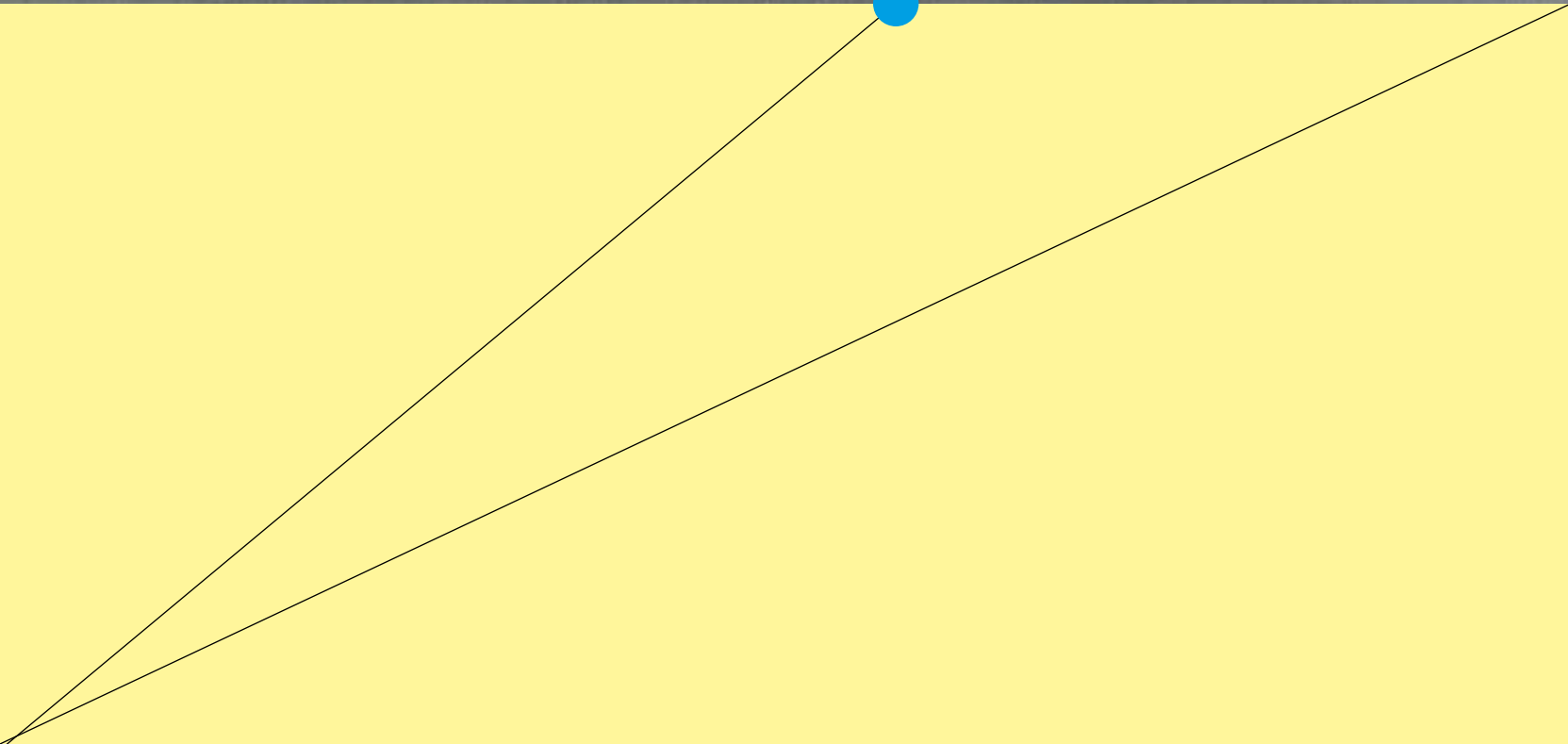
PONTOS DE SAÍDA E CHEGADA	HORA	ROTA
ROTA LARANJA: FOTOGRAFIA PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 14h	14h - Saída da van
		14h30 - Galeria Ponto. [ASA NORTE]
	Retorno: 17h50/18h30	15h30 - Espaço F/508 de Fotografia [ASA NORTE]
		16h50 - A Casa da Luz Vermelha [ASA SUL]
		17h50/18h30 - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA VERDE: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h30 - NAVE [ASA SUL]
	Retorno: 18h30/19h	12h - Galeria IBOC-Brasília [ASA SUL]
		13h30/14h30 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		15h - Elefante Centro Cultural [ASA NORTE]
		16h - deCurators [ASA NORTE]
		17h30 - NOVA [ASA SUL]
		18h30/19h - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA AZUL: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: CINE BRASÍLIA	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h30 - Gruta [ASA NORTE]
	Retorno: 13h40/14h	12h - ManOObra [SOBRADINHO]
		13h40/14h - Almoço em restaurantes parceiros e retorno da van para o ponto de partida
ROTA MAGENTA: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: CINE BRASILIA	Saída: 15h	15h - Saída da van
		15h40 - Olho de Águia [TAGUATINGA]
	Retorno: 19h30/20h	17h30 - Pilastra [GUARÁ]
		19h - Pausa para lanche em restaurantes parceiros e retorno
ROTA VERMELHA: ATELIÊS DE ARTISTAS PONTO: INSTITUTO DE ARTES UNB	Saída: 10h	20h - Desembarque da van no ponto de partida
	Retorno: 17h/17h40	10h - Saída da van
		10h30 - Raquel Nava + Cecília Bona [ASA NORTE]
		11h50 - Cecília Mori + Christus Nóbrega [ASA NORTE]
		13h - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		14h30 - Clarice Gonçalves [TAGUATINGA]
		16h - Valéria Pena-Costa + FUGA [LAGO SUL]
		17h40 - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA AMARELA: GALERIAS PONTO: INSTITUTO DE ARTES UNB	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h50 - XXX Arte Contemporânea [JARDIM BOTÂNICO]
	Retorno: 17h30/18h	12h50/13h50 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		14h10 - Oto Reifschneider Galeria de Arte [ASA NORTE]
		15h20 - Referência Galeria de Arte [ASA NORTE]
		16h30 - Alfinete Galeria [ASA NORTE]
		17h30/18h - Desembarque da van no ponto de partida

03/03/2018 – SÁBADO

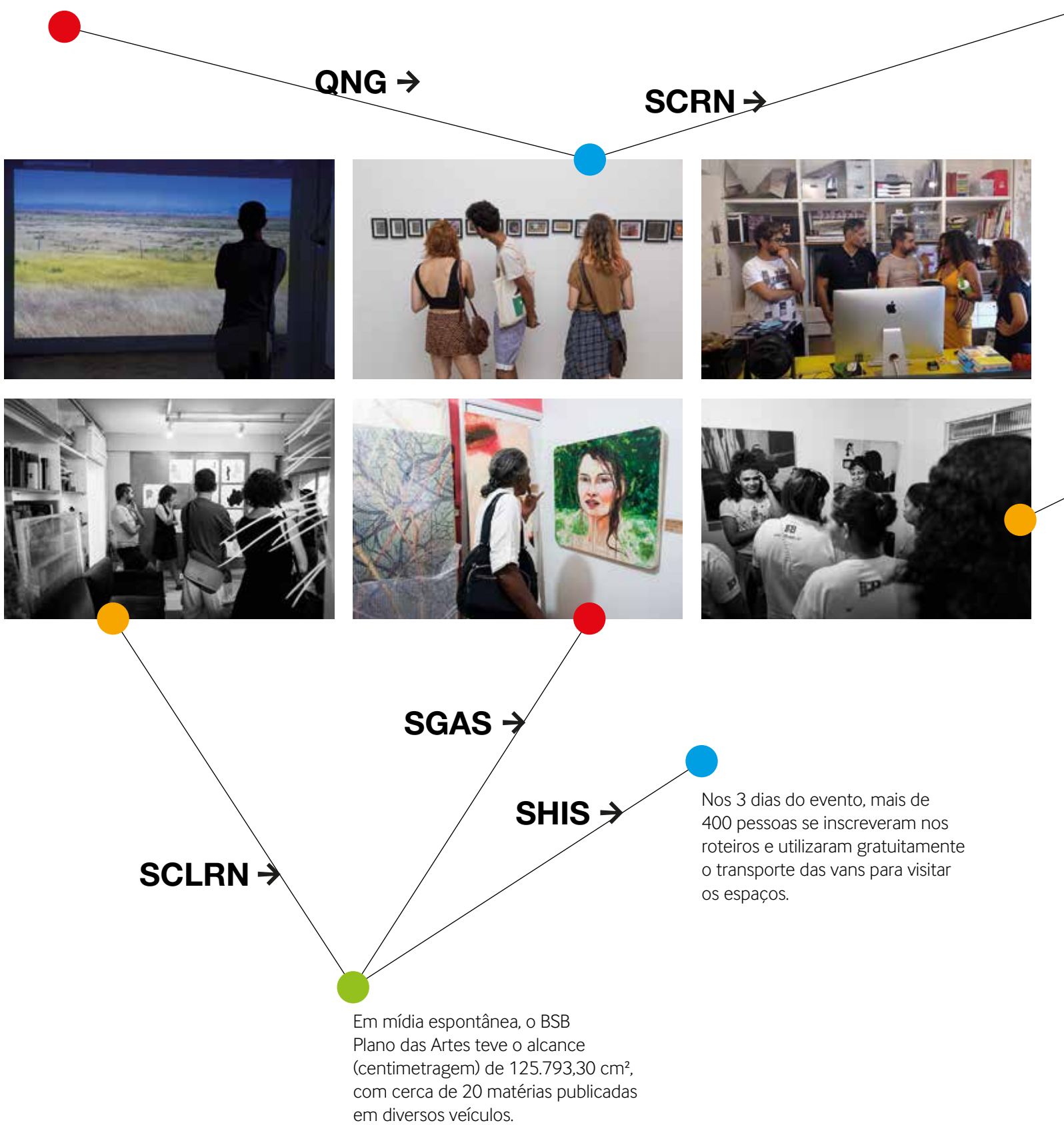
PONTOS DE SAÍDA E CHEGADA	HORA	ROTA
ROTA LARANJA: FOTOGRAFIA PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h40 - Galeria Ponto. [ASA NORTE]
		11h40 - Espaço F/508 de Fotografia [ASA NORTE]
	Retorno: 15h	13h - A Casa da Luz Vermelha [ASA SUL]
		14h - Almoço em restaurantes parceiros ou desembarque da van no ponto de partida
		15h - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA VERDE: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h30 - Elefante Centro Cultural [ASA NORTE]
		11h40 - NAVE [ASA SUL]
	Retorno: 18h40/19h 20h	13h30/14h30 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		15h - NOVA [ASA SUL]
		16h20 - Galeria IBOC-Brasília [ASA SUL]
		17h40 - deCurators [ASA NORTE]
		18h40/19h - Jantar em restaurantes parceiros
		20h - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA AZUL: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: CINE BRASÍLIA	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h50 - ManOObra [SOBRADINHO]
	Retorno: 14h	13h - Gruta [ASA NORTE]
		14h - Almoço em restaurantes parceiros e retorno da van para o ponto de partida
ROTA MAGENTA: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: CINE BRASILIA	Saída: 15h	15h - Saída da van
		16h - Pilastra [GUARÁ]
	Retorno: 19h /20h	17h50 - Olho de Águia [TAGUATINGA]
		19h - Pausa para lanche em restaurantes parceiros e retorno
		19h/20h - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA VERMELHA: ATELIÊS DE ARTISTAS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h40 - Valéria Pena-Costa + FUGA [LAGO SUL]
		12h - Raquel Nava + Cecília Bona [ASA NORTE]
	Retorno: 17h10/17h50	13h - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		14h30 - Cecília Mori + Christus Nóbrega [ASA NORTE]
		16h - Clarice Gonçalves [TAGUATINGA]
		17h10/17h50 - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA AMARELA: GALERIAS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	10h - Saída da van
		10h30 - Oto Reifschneider Galeria de Arte [ASA NORTE]
		11h30 - Alfinete Galeria [ASA NORTE]
	Retorno: 17h30/17h50	13h - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		14h30 - XXX Arte Contemporânea [JARDIM BOTÂNICO]
		16h10min - Referência Galeria de Arte [ASA NORTE]
		17h50 - Desembarque da van no ponto de partida

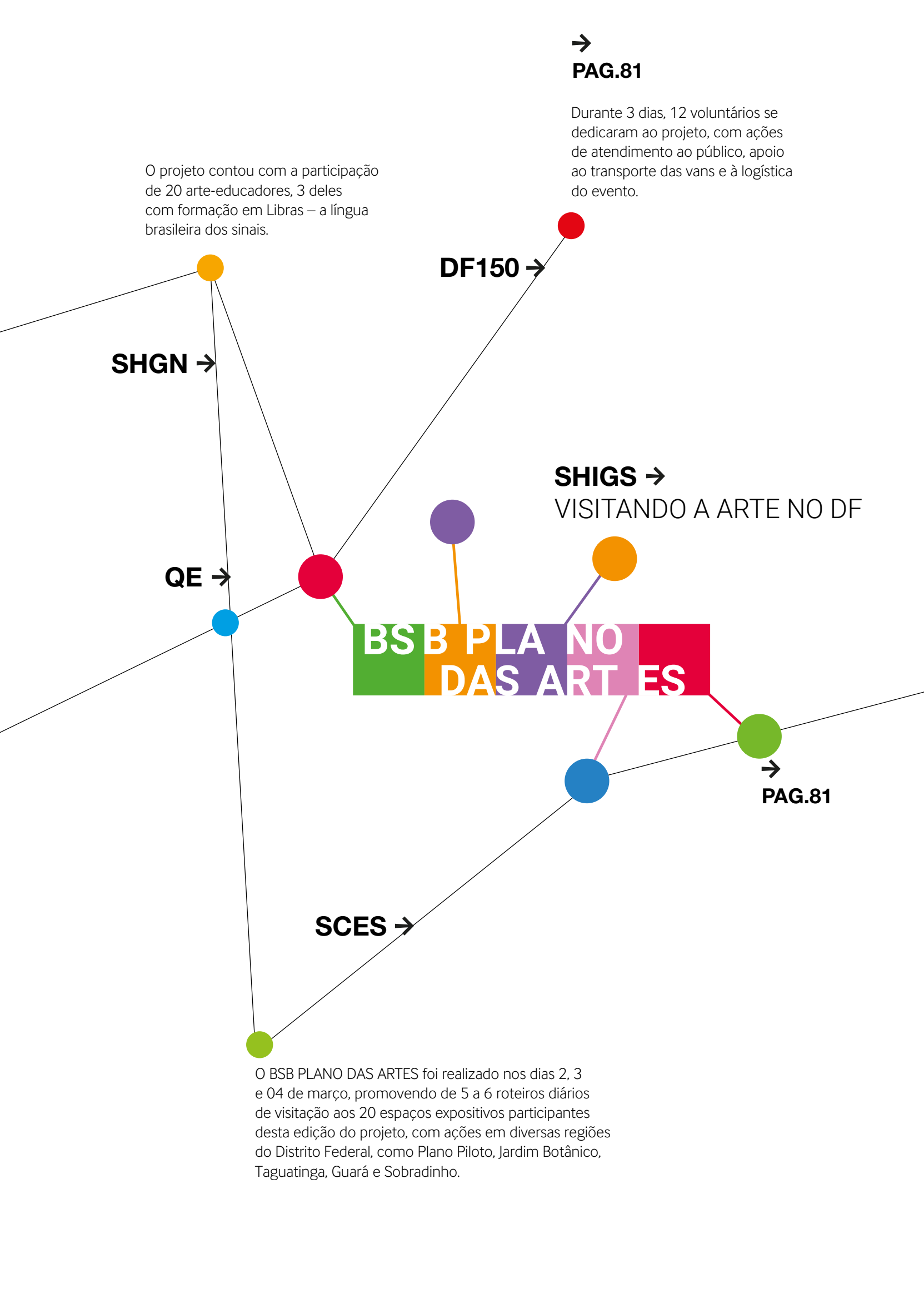
04/03/2018 – DOMINGO

PONTOS DE SAÍDA E CHEGADA	HORA	ROTA
ROTA LARANJA: FOTOGRAFIA PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 14h	14h - Saída da van
		14h20 - Galeria Ponto. [ASA NORTE]
	Retorno: 17h50/18h20	15h40 - Espaço F/508 de Fotografia [ASA NORTE]
		17h10 - A Casa da Luz Vermelha [ASA SUL]
		18h20 - Desembarque da van no ponto de partida
ROTA VERDE: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 14h	13h40 - Saída da van
		14h - Elefante Centro Cultural [ASA NORTE]
	Retorno: 18h30/19h20	15h - deCurators [ASA NORTE]
		16h - Gruta [ASA NORTE]
		17h30 - ManOObra [SOBRADINHO]
		19h - Jantar em restaurantes parceiros
ROTA MAGENTA: ESPAÇOS HÍBRIDOS PONTO: CINE BRASILIA	Saída: 10h	20h - Desembarque da van no ponto de partida
	Retorno: 17h40/18h30	10h - Saída da van
		10h30 - Galeria IBOC-Brasília [ASA SUL]
		11h50 - NAVE [ASA SUL]
		13h - NOVA [ASA SUL]
		13h30/14h30 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
ROTA VERMELHA: ATELIÊS DE ARTISTAS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	15h10 - Pilastra [GUARÁ]
		16h40 - Olho de Águia
	Retorno: 17h	18h30 - Desembarque da van no ponto de partida
		10h - Saída da van
		10h40 - Clarice Gonçalves [TAGUATINGA]
		12h30 - Valéria Pena-Costa + FUGA [LAGO SUL]
ROTA AMARELA: GALERIAS PONTO: MUSEU NACIONAL	Saída: 10h	13h30/14h30 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
		15h - Cecília Mori + Christus Nóbrega [ASA NORTE]
	Retorno: 17h/17h30	16h - Raquel Nava + Cecília Bona [ASA NORTE]
		17h30 - Desembarque da van no ponto de partida
		10h - Saída da van
		10h30 - Referência Galeria de Arte [ASA NORTE]
	Saída: 10h	12h30 - XXX Arte Contemporânea [JARDIM BOTÂNICO]
		13h40/14h40 - Pausa para almoço em restaurantes parceiros
	Retorno: 17h/17h30	15h - Oto Reifschneider Galeria de Arte [ASA NORTE]
		16h - Alfinete Galeria [ASA NORTE]
		17h - Lanche em restaurantes parceiros e desembarque da van no ponto de partida



Nos dias 7 e 15 de fevereiro, durante a pré-produção do evento, foram realizadas duas Rotas Teste, cada uma com visitas a 10 espaços e participação da equipe do evento, com destaque para os encontros entre cada representante de espaço e os arte-educadores.







A estratégia de Comunicação do BSB Plano das Artes baseou-se no tripé: assessoria de imprensa, voltada para o trabalho de mídia espontânea; mídias sociais, que possibilitam maior controle sobre o conteúdo gerado; e parceiros de mídia.



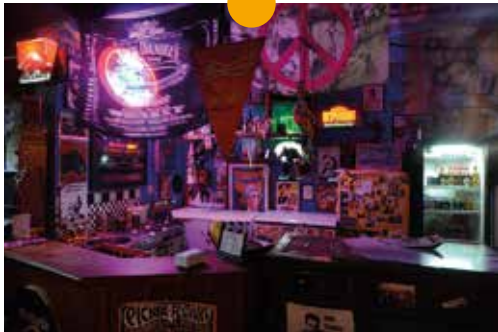
Entre 29 de janeiro a 4 de março de 2018, o site do evento teve mais de 250 acessos por dia.





As vans saíram de diversos pontos do DF, como o Museu Nacional da República, o Instituto de Artes da UnB, o Cine Brasília. Houve também vans que fizeram circuitos especiais, como a que saiu do Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga.

10 vans fizeram 6 rotas abertas ao público gratuitamente: Rota Laranja para os espaços de Fotografia; Rotas Verde, Azul e Lilás para os espaços Híbridos; Rota Vermelha para os ateliês; e Rota Amarela para as galerias de arte.



O Seminário BSB Plano das Artes, realizado em 15 de março no Museu Nacional da República, foi uma atividade de avaliação do evento e também uma oportunidade de celebração entre equipe, representantes dos espaços, professores, estudantes e público em geral.





As ações de Mídia Social do BSB Plano das Artes alcançaram 540.772 pessoas até março de 2018, com 11.120 pessoas envolvidas com as publicações neste período.





SCTS → SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO



**#BSBPlanoDasArtes #BSB
#Brasília #Arte**

O quê?

Seminário de Avaliação do BSB Plano das Artes

Quando e onde?

quinta-feira, 15 de março, a partir de 10h, no Auditório 2 do Museu Nacional da República

Quem?

Encontro da equipe responsável pela realização do evento, dos representantes de galerias, dos ateliês e espaços híbridos e arte-educadores e monitores que receberam e acompanharam o público durante as visitas e público em geral.

Para quê?

Reflexão sobre o evento e levantamento de perspectivas para a próxima edição. Entrada gratuita e aberta ao público.

Programação:

10h:

Recepção e coffee break.

10h20:

Abertura do evento com Cinara Barbosa.

10h25:

Convidada Ana Paula A. Caixeta, coordenadora de estágio da Universidade de Brasília, UnB. Apresentação de normas e critérios vinculados ao estágio obrigatório, destacando a importância de se estabelecer um vínculo mais próximo entre a UnB, na perspectiva do estágio ligado ao curso de Artes Visuais e licenciatura em especial, e o circuito de espaços autônomos de arte, considerados nesta parceria como locais de formação profissional e aprendizado.

10h40:

Equipe BsB Plano das Artes.

Avaliação sucinta da realização e análise de resultados a partir do planejamento:

- Assessoria de imprensa e produtora comercial – Luiz Alberto Osório e Micaela Bissio Neiva Moreira.
- Equipe de produção BsB Plano das Artes – Dani Estrella, Marx Lamare e Vinícius Brito.
- Equipe do Projeto Educativo – Yana Tamayo, com presença dos arte educadores Vinícius Brito e Nina Maia.
- Comentários e informes gerais da coordenação e curadoria – Cinara Barbosa.

11h10:

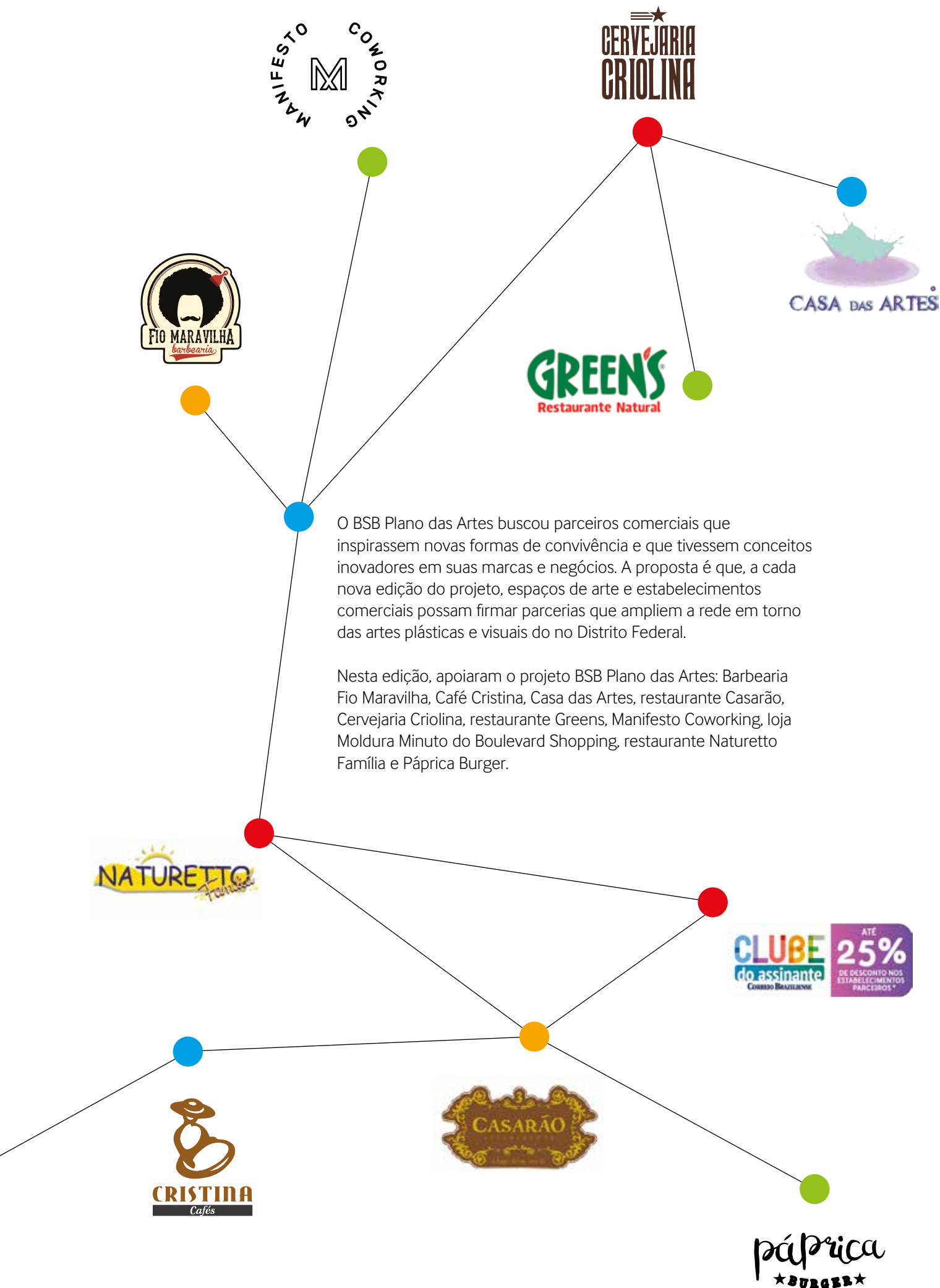
Participação de representantes dos espaços – avaliação e comentários.

Público participante do seminário e presente no evento – avaliação, perguntas, comentários e sugestões.

Entre os resultados de avaliação:

Indicativo para que o evento ocorra com mais frequência, aumento no número de espaços participantes, continuidade e expansão da adesão de espaços de arte para garantir abrangência de Regiões Administrativas do DF e uso de ferramentas tecnológicas como suporte das ações do BSB Plano das Artes.

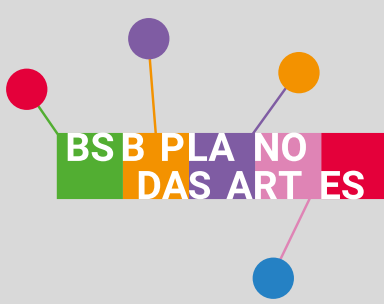




No Projeto educativo, participaram três mediadores com formação em Libras – a língua brasileira de sinais. Também foram gravados vídeos com a apresentação dos espaços de arte em Libras.







BSB PLANO DAS ARTES

Concepção, Coordenação Geral e Curadoria

Cinara Barbosa

Produção Executiva

Daniela Estrella

Equipe de Produção Executiva

Cinara Barbosa

Elisa Mattos

Assistente Administrativo

Elisa Mattos

Coordenação de Arte-Educação

Yana Tamayo

Assistência de Arte-Educação

Vinícius Brito

Coordenação Editorial

André Vilaron

Design

Wagner Alves

Assessoria de Imprensa

Luiz Alberto Osório

Mídias Sociais

Bruno R Nunes

Produção

Marx Lamare e

Vinícius Brito

Produção Comercial

Micaela Neiva Moreira

Fotografia

Ádon Bicalho

Diego Bresani

Webmaster

Danyel Carvalho

Equipe de Arte-Educadores

Alysson Camargo, Arthur Gomes, Bianca Brivarez, Bruna Araujo, Dario Joffily, Débora Passos, Djallys Dietz, Filipe Campos, Kika Sena, Lenilson da Costa (LIBRAS), Letícia Rick, Lucas Xavier (LIBRAS), Matheus Pereira, Mirela Borges, Narla Skeff, Nina Maia, Samara Lima, Thalita Araújo (LIBRAS), Vinícius Brito e Yuri Farias.

Equipe de Voluntários

Albert Wesley Malta da Silva, Amanda de Souza Carneiro, Auriene Lima Assunção, Carla Anne Farias Cruz, Elicya Gabriela Ferreira Andrade, Emanuelle Santos Feitosa, Everton de Castro Coimbra, Gabriela Gonçalves Eleotério, Giovanna Xavier Gomes da Costa, Lucas Gomes de Carvalho, Marcela Gomes Miguel e Priscila Amorim Coser do Nascimento.

Transporte

Planalto Transporte

Apoio de Montagem

Aroldo Lopes Oliveira

Léo Pereira

Espaços

A Casa da Luz Vermelha

Alfinete Galeria

Ateliê Cecília Mori + Ateliê Christus Nóbrega

Ateliê Clarice Gonçalves

deCurators

Elefante Centro Cultural

Espaço F/508 de Fotografia

Galeria IBOC Brasília

Galeria Olho de Águia

Galeria Ponto.

Gruta

ManOObra

Nave

Ateliê Nova

Oto Reifschneider Galeria de Arte

Pilastra

Ateliê Raquel Nava + Ateliê Cecília Bona

Referência Galeria de Arte

Ateliê Valéria Pena-Costa + Projeto FUGA

XXX Arte Contemporânea

CATÁLOGO BSB PLANO DAS ARTES

Coordenação Editorial

André Vilaron

Projeto Gráfico

Wagner Alves

Textos

Cinara Barbosa

Nahima Maciel

Entrevista

Antonio Obá

Iris Helena

Ralph Gehre

Revisão

Paula Alves Monteiro

Foto da capa

Diego Bresani

Foto da contracapa

André Vilaron

Fotografias

Ádon Bicalho, André Vilaron, Cinara Barbosa, Daniela Estrella, Diego Bresani, Igor Walter, Iris Helena, Ivaldo Cavalcante, Ludmila Correia, Marina Vilaron, Mateus Lucena, Matheus Barbosa Pereira, Valério Ayres (artigo Nahima Maciel), Vinícius Brito e fotografias de divulgação dos espaços.

Impressão

Athalaia Gráfica

Tiragem

1.000 exemplares



Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

REALIZAÇÃO:



Secretaria
de Cultura



GOVERNO DE
BRASÍLIA

BSB

PLANO
DAS
ARTES



Este projeto foi realizado com recursos do
Fundo de Apoio à Cultura do DF

FAC
FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

REALIZAÇÃO:



**Secretaria
de Cultura**

**GOVERNO DE
BRASÍLIA**



ISBN 978-85-00000000



9 788500 000000